

27

cadernos temáticos CRP SP

Nossa luta cria:

*enfrentar as desigualdades e defender a
democracia é um dever ético para a Psicologia*



Conselho Regional de **PSICOLOGIA SP**

Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região - CRP 06

cadernos temáticos CRP SP

Nossa luta cria:

*enfrentar as desigualdades e defender a
democracia é um dever ético para a Psicologia*

CRP 06 · São Paulo · 2019 · 1ª Edição

Caderno Temático nº 27 – Nossa luta cria: enfrentar as desigualdades e defender a democracia é um dever ético para a Psicologia

XV Plenário (2016-2019)

Diretoria

Presidenta | Luciana Stoppa dos Santos
Vice-presidenta | Larissa Gomes Ornelas Pedott
Secretária | Suely Castaldi Ortiz da Silva
Tesoureiro | Guilherme Rodrigues Raggi Pereira

Conselheiras/os

Aristeu Bertelli da Silva (*Afastado desde 01/03/2019 - PL 2068ª de 16/03/2019*)
Beatriz Borges Brambilla
Beatriz Marques de Mattos
Bruna Lavinias Jardim Falleiros (*Afastada desde 16/03/2019 - PL 2068ª de 16/03/2019*)
Clarice Pimentel Paulon (*Afastada desde 16/03/2019 - PL 2068ª de 16/03/2019*)
Ed Otsuka
Edgar Rodrigues
Evelyn Sayeg (*Licenciada desde 20/10/2018 - PL 2051ª de 20/10/18*)
Ivana do Carmo Souza
Ivani Francisco de Oliveira
Magna Barboza Damasceno
Maria das Graças Mazarin de Araújo
Maria Mercedes Whitaker Kehl Vieira Bicudo Guarnieri
Maria Rozineti Gonçalves
Maurício Marinho Iwai (*Licenciado desde 01/03/2019 - PL 2068ª de 16/03/2019*)
Mary Ueta
Monalisa Muniz Nascimento
Regiane Aparecida Piva
Reginaldo Branco da Silva
Rodrigo Fernando Presotto
Rodrigo Toledo
Vinicius Cesca de Lima (*Licenciado desde 07/03/2019 - PL 2068ª de 16/03/2019*)

Organização do caderno

Jamille Georges Reis Khouri

Revisão ortográfica

Andrea Vidal

Projeto gráfico e editoração

Paulo Mota | Relações Externas CRP SP

C755n Conselho Regional de Psicologia de São Paulo.

Nossa luta cria: enfrentar as desigualdades e defender a democracia é um dever ético para a Psicologia. Conselho Regional de Psicologia de São Paulo. - São Paulo: CRP SP, 2019.

52 p.; 21x28cm. (Cadernos Temáticos CRP SP /nº 27)

ISBN: 978-85-60405-50-3

1. Psicologia. 2. Ética Profissional. 3. Desigualdades Sociais. 4. Democracia. 5. Direitos Humanos I. Título

CDD 150.1

Ficha catalográfica elaborada por Marcos Toledo CRB8/8396

Cadernos Temáticos do CRP SP

Desde 2007, o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo inclui, entre as ações permanentes da gestão, a publicação da série *Cadernos Temáticos do CRP SP*, visando registrar e divulgar os debates realizados no Conselho em diversos campos de atuação da Psicologia.

Essa iniciativa atende a vários objetivos. O primeiro deles é concretizar um dos princípios que orientam as ações do CRP SP, o de produzir referências para o exercício profissional de psicólogas/os; o segundo é o de identificar áreas que mereçam atenção prioritária, em função de seu reconhecimento social ou da necessidade de sua consolidação; o terceiro é o de, efetivamente, ser um espaço para que a categoria apresente suas posições e questionamentos acerca da atuação profissional, garantindo, assim, a construção coletiva de um projeto para a Psicologia que expresse a sua importância como ciência e como profissão.

Esses três objetivos articulam-se nos *Cadernos Temáticos* de maneira a apresentar resultados de diferentes iniciativas realizadas pelo CRP SP, que contaram com a experiência de pesquisadoras/es e especialistas da Psicologia para debater sobre assuntos ou temáticas variados na área. Reafirmamos o debate permanente como princípio fundamental do processo de democratização, seja para consolidar diretrizes, seja para delinear ainda mais os caminhos a serem trilhados no enfrentamento dos inúmeros desafios presentes em nossa realidade, sempre compreendendo a constituição da singularidade humana como um fenômeno complexo, multideterminado e historicamente produzido. A publicação dos *Cadernos Temáticos* é, nesse sentido, um convite à continuidade dos debates. Sua distribuição é dirigida a psicólogas/os, bem como aos diretamente envolvidos com cada temática, criando uma oportunidade para a profícua discussão, em diferentes lugares e de diversas maneiras, sobre a prática profissional da Psicologia.

Este é o 27º Caderno da série. Seu tema é: *Nossa luta cria: enfrentar as desigualdades e defender a democracia é um dever ético para a Psicologia*.

Outras temáticas e debates ainda se unirão a este conjunto, trazendo para o espaço coletivo informações, críticas e proposições sobre temas relevantes para a Psicologia e para a sociedade.

A divulgação deste material nas versões impressa e digital possibilita ampla discussão, mantendo permanentemente a reflexão sobre o compromisso social de nossa profissão, reflexão para a qual convidamos a todas/os.

XV Plenário do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo

Os Cadernos já publicados podem ser consultados em www.crsp.org.br:

- 1 – Psicologia e preconceito racial
- 2 – Profissionais frente a situações de tortura
- 3 – A Psicologia promovendo o ECA
- 4 – A inserção da Psicologia na saúde suplementar
- 5 – Cidadania ativa na prática
- 5 – *Ciudadanía activa en la práctica*
- 6 – Psicologia e Educação: contribuições para a atuação profissional
- 7 – Nasf – Núcleo de Apoio à Saúde da Família
- 8 – Dislexia: Subsídios para Políticas Públicas
- 9 – Ensino da Psicologia no Nível Médio: impasses e alternativas
- 10 – Psicólogo Judiciário nas Questões de Família
- 11 – Psicologia e Diversidade Sexual
- 12 – Políticas de Saúde Mental e juventude nas fronteiras psi-jurídicas
- 13 – Psicologia e o Direito à Memória e à Verdade
- 14 – Contra o genocídio da população negra: subsídios técnicos e teóricos para Psicologia
- 15 – Centros de Convivência e Cooperativa
- 16 – Psicologia e Segurança Pública
- 17 – Psicologia na Assistência Social e o enfrentamento da desigualdade social
- 18 – Psicologia do Esporte: contribuições para a atuação profissional
- 19 – Psicologia e Educação: desafios da inclusão
- 20 – Psicologia Organizacional e do Trabalho
- 21 – Psicologia em emergências e desastres
- 22 – A quem interessa a “Reforma” da Previdência?: articulações entre a psicologia e os direitos das trabalhadoras e trabalhadores
- 23 – Psicologia e o resgate da memória: diálogos em construção
- 24 – A potência da psicologia obstétrica na prática interdisciplinar: uma análise crítica da realidade brasileira
- 25 – Psicologia, laicidade do estado e o enfrentamento à intolerância religiosa
- 26 – Psicologia, exercício da maternidade e proteção social

Sumário

- 07** 56 ANOS DE PROFISSÃO NO BRASIL
XV Plenário do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo - CRP SP
- COM A PALAVRA O CRP SP
- 09** *Luciana Stoppa dos Santos*
- 10** *Magna Barboza Damasceno*
- 10** *Ivani Francisco de Oliveira*
- 11** COM A PALAVRA O CFP
Rogério Giannini
- 12** COM A PALAVRA A FENAPSI
Shirlene Queiroz de Lima
- 15** PRIMAVERA PERIFÉRICA: PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE E EMANCIPAÇÃO HUMANA
Ryane Leão
- 20** O SARAU E A POESIA COMO ESPAÇO DE CUIDADO
Binho
- 22** A PSICOLOGIA NO ENCONTRO COM A ARTE
Tatiana Minchoni
- 24** A AFETIVIDADE COMO PRINCÍPIO DO FAZER PSI
Aline Matheus Veloso
- 30** DESIGUALDADE SOCIAL, SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO E HUMILHAÇÃO SOCIAL COMO QUESTÃO POLÍTICA PARA A PSICOLOGIA
José Moura Gonçalves Filho
- 35** DEMOCRACIA É DEMARCAR TERRAS INDÍGENAS
Valdelice Veron
- 36** DEFENDER A DEMOCRACIA COMO PRINCÍPIO ÉTICO DA PSICOLOGIA
Ana Vladia Holanda Cruz

- 41** NOSSA LUTA CRIA: PSICÓLOGAS E PSICÓLOGOS NA DEFESA DE DIREITOS - relatos de experiência de como a atividade de psicólogas/os tem produzido luta contra a desigualdade e em defesa da democracia
- 43** A Psicologia na intersecção entre saúde e justiça
Helena Fonseca Rodrigues
- 45** Psicanálise na Praça
Daniel da Silva Taranta
- 47** A Psicologia e a educação antirracista
Cátia Cristina Cipriano
- 49** A Psicologia na construção do Movimento Sem Terrinha
Janáina Ribeiro de Rezende
- 51** A Psicologia e a desumanização dos corpos
Carú de Paula
- 53** Nossa Luta Cria
Beatriz Brambilla

56 anos de profissão no Brasil

XV Plenário do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo - CRP SP

Somos potência. Atualmente, somos mais de 100 mil psicólogas e psicólogos no estado de São Paulo. Neste 27 de agosto, tivemos a honra de celebrar mais um ano da regulamentação de nossa profissão.

O Conselho Regional de Psicologia parabena todas e todos pelos avanços que temos construído coletivamente, de uma ciência e profissão que tem por desafio e missão enfrentar as desigualdades, as violências e as opressões, defendendo de maneira intransigente nossos princípios éticos.

Essa edição da série *Cadernos Temáticos CRP SP* vem afirmar que NOSSA LUTA CRIA e constrói, proporcionando reflexões sobre os sentidos e significados objetivos e subjetivos do fazer psi nos dias de hoje.

Para isso, parafraseando Martin-Baró, psicólogo, salvadoreno, e um dos principais autores da Psicologia da Libertação, assassinado pela ditadura em El Salvador: há um imperativo em examinarmos a história das psicólogas e psicólogos não apenas para constatar o que somos, mas o que poderíamos ter sido e, sobretudo, o que deveríamos ser frente às necessidades de nossos povos, independentemente de contarmos ou não com modelos pressupostos.

Convidamos a todos para um mergulho pela história de nossa profissão no país, que em muito reflete as formas de organização social e política brasileira, e para o reconhecimento doloroso, porém necessário, de que fazemos parte de um campo do conhecimento que se consolidou como ciência operacionalizando-se durante muitos

anos em criar constructos teóricos e metodológicos que, unicamente, serviram para materialização de processos de reprodução social. Construímos uma ciência e uma profissão a serviço da história colonialista sustentada por estruturas de violência e opressões, uma Psicologia que reproduziu os interesses das elites, que se colocava, na prática, como mediação para manutenção das desigualdades sociais.

Mas as psicólogas e psicólogos resistiram. Inseriram-se em organizações e movimentos sociais, indignadas e indignados com as formas de sociabilidade do país, com a violência, a repressão, a concentração de renda, com o regime civil-militar, com o racismo, o machismo e a heteronormatividade, e reposicionaram a profissão, recriando-a!

Desde os anos 70, com o surgimento das práticas em Psicologia Social Comunitária, com a afirmativa de uma Psicologia e uma atitude socialmente comprometidas com as condições de vida da maioria do povo brasileiro, a Psicologia se coloca a serviço das demandas sociais, como um instrumento de luta pela garantia de direitos e liberdades democráticas.

Esse movimento na Psicologia coaduna intrinsecamente com o país, que se movimentava em processo constituinte, e com a sociedade, que se organizava contra uma história de colonialidade que humilhou, segregou e violentou muitos grupos sociais - brasileiras e brasileiros que sequer possuíam direito à voz.

Em nome de princípios fundamentais da ética profissional, reafirmamos nossa luta diária

como psicólogas e psicólogos, lado a lado com toda a sociedade, apoiada em valores universais e pelo respeito, pela promoção da liberdade, pela dignidade e pela integridade humana.

Nossa luta cria quando promovemos saúde e qualidade de vida e quando contribuimos para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência e crueldade.

Nossa luta cria quando atuamos com responsabilidade social, ao desnaturalizar situações que produzem sofrimento para as pessoas e coletividades, reconhecendo e analisando criticamente a realidade política, econômica, social e cultural.

Nossa luta cria quando ampliamos o acesso da sociedade ao conhecimento e às práticas psicológicas com compromisso, respeito e solidariedade.

Nossa luta cria nas formas de acolhimento e nos processos de autonomia que construímos com sujeitos e grupos.

O dia da psicóloga e do psicólogo precisa ser compreendido diante da conjuntura social e política do país. É um convite a todas e todos para compreendermos o que produz sofrimento nos dias de hoje.

O Brasil está na corda bamba, não há equilíbrio, não há justiça. Se não há equilíbrio, nem justiça, não há democracia!

O país possui estatísticas alarmantes no que tange os dados de desigualdade social. O aumento de pessoas em situação de desemprego, as relações de trabalho mediadas por uma nova legis-


lação que desregulamenta os processos e desestabiliza o cidadão, a estrutura estatal com políticas racialistas ainda do século XIX, o genocídio da juventude negra e periférica e dos povos indígenas. Um racismo estrutural, institucional e interpessoal, o feminicídio e as violências contra as mulheres, o dramático aumento do número de assassinatos de pessoas LGBTQ+. Tudo isso, além do cerceamento ao acesso aos direitos sociais e a violência de Estado permanente contra as crianças e adolescentes, sem acesso à educação de qualidade, à saúde, ao esporte, ao lazer e à cultura.

A retomada do modelo manicomial no campo da saúde e as formas de cuidados pautadas no pragmatismo dos processos de doença - e não mais na lógica do território e do cuidado compartilhado e promoção de saúde - refletem e exemplificam esta dramática constatação.

NOSSA LUTA CRIA convida e propõe às psicólogas e aos psicólogos que se perguntem o que fazer e como agir diante da conjuntura.

É reconhecendo a potência da Psicologia e das psicólogas e psicólogos que o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo convida a todas e todos para, coletivamente, assegurarmos o compromisso social da profissão, afirmando que a NOSSA LUTA CRIA!

Vamos apresentar para a sociedade brasileira uma Psicologia com compromisso social, afirmando:

NOSSA LUTA CRIA - Enfrentar as desigualdades e defender a democracia: um dever ético para Psicologia. 

Com a palavra o CRP SP

Luciana Stoppa dos Santos


Conselheira Presidente do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo – CRP SP

O mote do nosso evento – Nossa luta cria: enfrentar as desigualdades e defender a democracia é um dever ético para a Psicologia – foi construído coletivamente com as gestoras e gestores do CRP SP durante uma atividade em que discutíamos o legado desta gestão e os rumos que estamos tomando, avaliando nossas lutas. Ainda coletivamente, entendemos que, naquele momento, fazíamos uma gestão de resistência, de luta. Há tantos processos que estamos vivendo em níveis micro e macro... Eu acho que a Psicologia resiste e luta contra as desigualdades e para garantir processos democráticos.

A gestão do CRP SP e as psicólogas e psicólogos, na sua prática, precisam fazer essa luta, e foi dessa reflexão que surgiu esse mote. Então, estamos com essa campanha para que as psicólogas e psicólogos possam contar suas práticas e de que forma a sua luta cria. Eu gostaria de ler um trecho de algumas coisas que nós escrevemos com relação a essa campanha, pensando que nós estamos em São Paulo, o estado que concentra o maior número de psicólogas – somos mais de 100 mil psicólogas em um dos estados mais conservadores e temos que resistir a inúmeras violências: à violência do próprio estado, ao genocídio, à violência contra a mulher, à violência contra as pessoas homossexuais, transexuais, travestis, às violências e às violações de direitos das crianças e dos adolescentes, ao genocídio contra a população negra. São inúmeras as questões de violações de direitos para as quais nós temos que oferecer resistência.

É reconhecendo a potência da Psicologia e das psicólogas e psicólogos do Conselho Regional de Psicologia que nós convidamos a todas e

“Nós estamos em São Paulo, o estado que concentra o maior número de psicólogas – somos mais de 100 mil psicólogas em um dos estados mais conservadores e temos que resistir a inúmeras violências: à violência do próprio estado, ao genocídio, à violência contra a mulher, à violência contra as pessoas homossexuais, transexuais, travestis, às violências e às violações de direitos das crianças e dos adolescentes, ao genocídio contra a população negra. São inúmeras as questões de violações de direitos para as quais nós temos que oferecer resistência”

todos para, coletivamente, afirmar nosso compromisso com a profissão. Vamos compartilhar, então, a partir desta campanha, como estamos resistindo, produzindo e construindo, criando processos emancipatórios, reflexivos, organizativos, enfrentando a desigualdade social e defendendo a democracia como um princípio ético-político para a Psicologia. 

Magna Barboza Damasceno

Conselheira e Coordenadora da Comissão Gestora Metropolitana do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo – CRP SP

Hoje é um dia de luta, eu acho que a nossa luta cria, cria muitas formas diferentes de ser psicólogas, de estar como psicólogas nos diversos espaços que nós temos. E queria dizer que a Comissão Gestora está aberta para todos aqueles que enfrentam as desigualdades, para todos que têm isso como princípio ético, que têm uma forma crítica de fazer a Psicologia. Venham aos nossos eventos, fiquem perto das áreas de in-

teresse, se aproximem dos nossos núcleos, nos ajudem a construir uma Psicologia cada vez mais democrática, mais crítica e criativa para podermos continuar enfrentando essas desigualdades e defendendo isso que já está dentro de nós, que é a democracia, independentemente das consequências que ela nos traz, mas que ela seja um mote importante e fundamental que tenhamos como horizonte. 🗣️

Ivani Francisco de Oliveira

Conselheira e Coordenadora da Subsede do Grande ABC do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo – CRP SP

Eu sou a Ivani, estou na coordenação da subsede do Grande ABC e quero dizer para vocês que eu sou cria da Psicologia que cria. Quando a Psicologia cumpre seu compromisso social, ela traz no horizonte a possibilidade de enfrentamento das mazelas da nossa sociedade. Fazemos isso com estratégias políticas e econômicas, mas também com estratégias psicológicas.

A região do Grande ABC é um polo industrial. Quando se organizou, a Psicologia construiu uma formação muito voltada para a clínica, que é a nossa tradição, e também para a área organizacional, para os Recursos Humanos, para a Psicologia Hospitalar. Isso foi lá no início, mas hoje percebemos o quanto a Psicologia aflora na região e temos trabalhado com mulheres em situação de violência, serviços de referência, serviços como o Bem Maria, a Casa Beth Lobo, as casas-abrigos e o atendimento ao autor de agressão, que é algo que se destaca na nossa região, pensando e propondo como a Psicologia pode gerar reflexão sobre as masculinidades que são agressivas, tóxicas e sobre como nós caminhamos respeitando a igualdade de gênero e trazendo homens e mulheres para a discussão.

Hoje, por ser cria de uma Psicologia que cria, eu defendo – e sei que vocês vêm junto – uma Psicologia antirracista, uma Psicologia que

“Hoje, por ser cria de uma Psicologia que cria, eu defendo – e sei que vocês vêm junto – uma Psicologia antirracista, uma Psicologia que se coloque no panorama do estado de São Paulo e também do Brasil com propostas de enfrentamento, utilizando nosso conhecimento para a eliminação de qualquer tipo de discriminação, dentre elas, o racismo. Estou feliz por olhar para vocês hoje e saber que tem muitas de vocês que se veem em mim”

se coloque no panorama do estado de São Paulo e também do Brasil com propostas de enfrentamento, utilizando nosso conhecimento para a eliminação de qualquer tipo de discriminação, dentre elas, o racismo. Estou feliz por olhar para vocês hoje e saber que tem muitas de vocês que se veem em mim. 🗣️

Com a palavra o CFP

Rogério Giannini


Conselheiro Presidente do Conselho Federal de Psicologia – CFP e Representante da Secretaria Executiva do FENPB – Fórum Nacional de Entidades da Psicologia Brasileira

Eu vou contar um segredo para vocês, depois vocês saberão por quê. Esta semana eu tive o prazer de ter um encontro com o Caetano Veloso, a trabalho e por missão, e conversei muito rapidamente com ele. Era uma reunião com outras pessoas e, quando estava com ele, me lembrei de uma frase de uma música que ele gravou, mas não é dele – é do Oswald de Andrade –, em que ele diz que “alegria é a prova dos nove” e “e a tristeza seu porto seguro”. Eu acho que é importante nesses momentos, com a gravidade de tudo o que vem acontecendo no Brasil ultimamente, manter a alegria como um ato de resistência. É lógico que temos muitos motivos para o sofrimento, para a dor – como psicólogas, não vamos negar essas

“Eu acho que é importante nesses momentos, com a gravidade de tudo o que vem acontecendo no Brasil ultimamente, manter a alegria como um ato de resistência. É lógico que temos muitos motivos para o sofrimento, para a dor – como psicólogas, não vamos negar essas coisas –, mas também temos esses espaços quando estamos juntos na construção da nossa luta; estamos juntos na construção da nossa luta que cria; estamos na nossa luta enfrentando as desigualdades da sociedade brasileira, inclusive as históricas e as estruturais. Estamos aqui na defesa da democracia”

“É isso: ‘a Psicologia muda a nossa história’ e nós fazemos isso ser verdade no nosso cotidiano, porque entendemos que a Psicologia, quando atravessa a vida das pessoas, seja no âmbito pessoal, individual, seja nas coletividades ou na própria sociedade, promove mudança na nossa história”

coisas –, mas também temos esses espaços quando estamos juntos na construção da nossa luta; estamos juntos na construção da nossa luta que cria; estamos na nossa luta enfrentando as desigualdades da sociedade brasileira, inclusive as históricas e as estruturais. Estamos aqui na defesa da democracia.

Quero também contar para vocês que ontem, no Conselho Federal de Psicologia, tivemos uma atividade de comemoração ao Dia do Psicólogo, em que, para celebrar os 56 anos da Psicologia, homenageamos 56 psicólogas e psicólogos da nossa história. Alguns que já não estão aqui entre nós, mas cuja obra os mantém vivos e outros que estão por aí trabalhando... É isso: “a Psicologia muda a nossa história” e nós fazemos isso ser verdade no nosso cotidiano, porque entendemos que a Psicologia, quando atravessa a vida das pessoas, seja no âmbito pessoal, individual, seja nas coletividades ou na própria sociedade, promove mudança na nossa história. É com essa alegria que o Conselho Federal de Psicologia e o Fórum das Entidades Brasileiras de Psicologia, o FENPB, vem compartilhar a nossa luta, a nossa experiência, as nossas vontades e construir junto, articular junto, costurar junto a nossa história. 

Com a palavra a Fenapsi

Shirlene Queiroz de Lima

Presidente da Fenapsi. Especialista em Regulação em saúde no SUS. Membro da Comissão Intersectorial de Saúde Mental – CISM do CNS. Ex-coordenadora Estadual de Saúde Mental da Paraíba

Vou falar um pouco da importância da nossa resistência. Eu acho que a resistência e a luta são fundamentais. Todos nós, de alguma forma, estamos sendo atingidos por tudo o que vem acontecendo. Eu, como trabalhei muitos anos na Saúde Mental, posso falar com propriedade do que vem acontecendo nesse contexto. Pela primeira vez, estamos vendo a reversão do investimento público: a maioria dos investimentos alocados para este ano e para os próximos será transferida para hospitais psiquiátricos e comunidades terapêuticas.

Sempre defendemos, nas conferências, uma rede mais ampla e com mais recursos, e o que temos visto é um total retrocesso. Muitos de vocês também acompanharam todos os cursos da Fiocruz pelo Itinerário do Saber – continuação do Caminhos de Cuidados –, cursos baseados em redução de danos, cursos que falavam da política de saúde mental antidrogas, na lógica que defendemos, na lógica de respeito ao sujeito e não de valorização da droga. Todos esses cursos foram suspensos.

Eu coordenava um desses cursos do Programa de Atualização em Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas da Fundação Oswaldo Cruz (Casmad). E por que eles foram suspensos? Porque eles não têm mais concordância com o conteúdo que está sendo colocado. Isso para falar apenas do que temos visto no âmbito do SUS: mudanças na atenção básica, dificuldade de vincular na atenção básica, vários trabalhadores revezando carga horária em atenção básica, agentes comunitários de saúde desempenhando outras funções... Tudo isso tem a ver com a Psicologia que defendemos, tem a ver com a Psicologia cidadã que acreditamos.

“Que tenhamos muita garra e muito discernimento para continuar fazendo o que fazemos tão bem a cada dia, mesmo que em silêncio, e que a cada encontro possamos promover a cidadania daquela pessoa que atendemos, que a cada momento possamos nos rebelar contra aquilo que querem nos cercear, que são os nossos direitos, e que possamos estar lá nos rebelando contra eles”


Na assistência social, em que eu estou trabalhando hoje, também há um total desinvestimento, um cerceamento do falar. Nós não temos tido mais espaços de fala; temos resistido através dos fóruns e dos trabalhadores do SUAS em todo o Brasil, mas isso tem sido muito pouco diante do que temos conseguido assegurar de financiamento para que esses serviços continuem a existir, o que é ainda mais danoso por causa da reforma trabalhista e da eminência da reforma previdenciária.

O que foi passado como boa-nova para a reforma trabalhista? O fim da obrigatoriedade do pagamento do imposto sindical. Para quem não entende a importância de seu sindicato, é algo como “Ah, é um tributo a menos que eu vou pagar!”. Foi isso que foi passado, e são pessoas que vão lá só usurpar esse dinheiro e que nada fazem

por nós. Isso tem nos fragilizado e, dessa forma, o governo tem conseguido cercear o nosso espaço de militância, porque o sindicato ainda é um espaço de garantia de direitos do trabalhador e da trabalhadora.

Momentos como esses são fundamentais para que tenhamos o apoio do sistema conselhos para que possamos resistir e nos empoderar da importância, inclusive, de fazermos a micropolítica, da importância de fazermos nossa criação no nosso território, no nosso ambiente de trabalho. Essa é a mensagem da Fenapsi, que conclama todas as psicólogas desse país, tanto para comemorarmos nossos 56 anos, como para pensarmos que queremos as 30 horas sim, queremos um piso salarial sim, mas nós também queremos um país junto, nós

queremos justiça social. Não podemos ser corporativistas e pensar só na gente.

Nós pensamos na gente enquanto trabalhadores e trabalhadoras, mas nós queremos um país mais junto, um país em que realmente exista uma democracia, porque nós estamos vivendo a ditadura, mesmo que velada. Então, um feliz dia para todos nós e muita força. Que tenhamos muita garra e muito discernimento para continuar fazendo o que fazemos tão bem a cada dia, mesmo que em silêncio, e que a cada encontro possamos promover a cidadania daquela pessoa que atendemos, que a cada momento possamos nos rebelar contra aquilo que querem nos cercear, que são os nossos direitos, e que possamos estar lá nos rebelando contra eles. 

Primavera Periférica: produção de subjetividade e emancipação humana

Ryane Leão

Radicada em São Paulo, estudou Letras na Unifesp. Em 2008, começou a divulgar seus textos em “lambe-lambes” que espalhava pela cidade e também no seu perfil no Instagram, além de participar de saraus e slams. Em 2016, realizou uma campanha de financiamento coletivo para o lançamento de seu primeiro livro. No ano seguinte publicou Tudo nela brilha e queima (Editora Planeta), marcado pelo ativismo em defesa dos direitos das mulheres negras.

Entender a poesia como uma ferramenta de reconstrução poderosa no campo da saúde mental é uma das pautas pela qual trabalho. Não sou psicóloga, mas sou professora. Sou uma poeta aqui de São Paulo e tenho 29 anos. Tenho uma escola chamada Odara, onde dou aulas para mulheres negras de inglês afrocentrado. Essa escola, que já tem dois anos e meio, tem sido um projeto muito enriquecedor. Na semana retrasada, fizemos a Primeira Semana Odara de Cura, para a qual eu chamei outras mulheres negras para conversar com as alunas, com o objetivo de fortalecê-las; na próxima semana, vou convidar a Antonieila, que é a minha psicóloga, uma mulher preta maravilhosa, para conversar com elas também. Na Odara, trabalhamos com inglês, mas a minha proposta é ensinar o idioma com o fortalecimento da autoestima de mulheres negras periféricas de São Paulo. Além disso, eu estou sempre nos *slams* e nos *saraus*. Recentemente lancei meu primeiro livro, que se chama *Tudo nela brilha e queima*.

Eu sou uma mulher que tem depressão e bipolaridade. Falo disso abertamente porque acho que ainda falamos pouco sobre o tema, pelo menos nos círculos que frequento. Acho importante inserirmos esse tipo de conversa no dia a dia e dialogarmos sobre isso. Eu vejo que a saúde mental da população preta, especialmente, está muito prejudicada. Nos últimos meses, tive uma vasta gama de alunas que entraram em depressão, e temos buscado formas para lidar com isso. Eu recomendei a roda terapêutica de mulheres negras ou psicólogas que fazem um preço mais acessível, mas estamos sempre trabalhando com a pauta da saúde mental. Não dá para trabalhar com a população negra sem falar de saúde mental – uma coisa

“Eu vejo que a saúde mental da população preta, especialmente, está muito prejudicada. Nos últimos meses, tive uma vasta gama de alunas que entraram em depressão, e temos buscado formas para lidar com isso. Eu recomendei a roda terapêutica de mulheres negras ou psicólogas que fazem um preço mais acessível, mas estamos sempre trabalhando com a pauta da saúde mental. Não dá para trabalhar com a população negra sem falar de saúde mental – uma coisa não caminha sem a outra –, porque estamos todos adoecidos, mas a população negra está muito mais”

não caminha sem a outra –, porque estamos todos adoecidos, mas a população negra está muito mais. No ano passado, perdemos um grande poeta que se matou, o Daniel Marques, e, a partir disso, começamos a debater um pouco mais, porque muita coisa equivocada sobre a depressão foi falada depois da morte dele.

Eu tive crise de depressão severa duas vezes, tive uma recaída, mas estou mais otimista

do que das outras vezes. E, com a morte do Daniel, percebi que as pessoas não tinham coragem de falar que ele se suicidou. Eu disse: "Gente, não adianta chegar lá na frente, declamar um poema para o Daniel e não falar sobre o que aconteceu. Tem que dizer o que houve, que era um preto retinto, de quebrada, bissexual e todas essas coisas que surgem a partir dessas pressões sociais, e que ele não aguentou, ele sucumbiu". Por muito tempo eu esperei que as pessoas fizessem debates sobre isso ou que dentro dos saraus e dos slams falássemos sobre isso, mas não foi falado, então eu pensei "Bom, então eu vou ser a pessoa que vai puxar essa conversa". Eu falo abertamente sobre a minha experiência, mas não queria fazer um poema sobre isso, porque é dolorido. Mas como eu vi que ninguém tinha feito e que esse debate acontecia de forma rasa, escrevi o primeiro poema, que vou ler para vocês:

Eu queria tanto que alguém tivesse escrito um poema sobre isso, queria tanto que não fosse eu, queria tanto que não fosse eu que tivesse escutado 'tenha pensamentos felizes, a felicidade é uma escolha. Ai, mas todo mundo fica triste, depressão? Bobagem, frescura. Toma um chazinho, não toma remédio não. Eu hein? Isso aí é falta de Deus'. Eu queria saber a fórmula exata da empatia, como eu queria para te mostrar, quem sabe você troque a frase 'eu tenho medo do que você pode acabar fazendo' por 'você é importante, sabia?'. O seu medo da palavra suicídio nunca fez uma vítima a menos, depressão é água que não dá pé, é quando tudo e nada são urgência, é silêncio gritado, o gosto da morte caminhando do seu lado. Depressão é quando o pedido de socorro mora na ausência constante, é quando ninguém sabe lidar e ainda esperam que você saiba. Depressão é céu vermelho de inverno, é engolir a própria voz, é quando estar quebrada parece ser a única realidade que eu conheço, é quando por mais que eu tente dizer sim o meu corpo continua dizendo que não, é a maior fome que eu já senti sem comer nada, a que me levou a 35 quilos e eu nem vi. E você continua falando comigo como se eu fosse os amigos que foram embora, como se eu fosse todos que não me protegeram, como se eu fosse os quatro remédios que eu tomo todos os dias, como se eu fosse exagerada, como se eu fosse o meu passado, como se eu fosse o meu abuso, como se eu nunca tivesse morrido, como se eu conseguisse chorar. Você parece ter certeza do que eu sou, mas não se interessa em ser a minha carne por um tempo ou em me perguntar

como anda o meu fôlego quando eu acordo de manhã, nem quer saber com que potência meus vazios me engolem, se sinto mais raiva que tristeza ou mais tristeza que raiva ou se há dias em que me sinto livre ou se eu nem sinto mais nada. Comigo ninguém pode ou sou eu que não posso com ninguém? Aos que se foram, peço a oxalá que lhes dê a paz que aqui não encontraram, mas enquanto dos que ficaram? Quanto do sangue do poeta você vê na poesia? Ontem alguém me perguntou 'quando é que você vai falar de amor?' E eu respondi 'e trazer a minha vivência aqui é falar de quê? Me reconhecer prioridade é falar de quê?'. Mas hoje, hoje serei mais do que um diagnóstico, porque apesar de toda maldade do mundo, coisas bonitas continuam acontecendo sem o nosso controle, que hoje eu seja uma delas. Minha voz é um estrondo e vale a pena ser ouvida e o meu corpo também fala. É em mim que está a saída. Hoje eu não vou pra lista de pretos que se foram, essa lista que todo mundo cita, que hoje eu reconheço até na fraqueza o motivo pra revolução. Hoje serei minha própria cura, hoje não terei vergonha, hoje não vou esperar que me salvem e se não houver ninguém para me dizer que sou sagrada, que eu seja a própria deusa de minhas águas salgadas, que eu me perdoe, que eu me recomece, que eu me renomeie. Hoje a doença pode até me consumir, mas não pode me chamar de lar, serei minha casa mesmo que só eu me faça visita. Hoje não estarei no olho do furacão, hoje serei o furacão. Hoje eu tô viva, hoje eu tô celebrando tudo que eu sou, hoje eu escolhi o gosto de vida, hoje eu sou coragem, hoje eu tô viva, hoje eu tô viva, hoje eu tô viva. E quem sabe me vendo aqui viva outras pessoas escolham permanecer vivas também¹.

O processo criativo desse poema foi muito doloroso, ler ele ainda é muito doloroso, mas toda vez que leio tem alguma pessoa que vem me dizer que estava mal e se identificou. Eu trabalho com a pauta do não silenciamento, trabalho muito com as pautas da Audre Lorde². Nunca falo, nos meus livros e nos meus poemas, só da dor pela dor. Sempre tento apresentar uma saída, e, se eu não souber uma saída, proponho que encontremos uma juntos. Todas as minhas poesias são pensadas

1 LEÃO, Ryane. Tudo nela brilha e queima. São Paulo: Planeta, 2017.

2 Audre Lorde foi uma escritora americana de descendência caribenha, feminista lésbica e militante pelos direitos humanos. Escreveu romances que abordam temáticas como feminismo, opressão e direitos humanos.

para isso, e o livro também. Por muito tempo, muita gente me falou de amor-próprio, mas ninguém nunca me disse como me amar. Todo mundo me falava e eu lia muitos poemas que me diziam “Se ame, se ame, se ame”, e eu perguntava “Como?”. Eu achava muito imperativo, e ninguém me dava a estrada. Então, escrevi um livro que pudesse ser uma ferramenta e uma estrada. Meu livro é também uma ferramenta de reconstrução do amor-próprio, da autoestima, no qual falo sobre as dores que senti, sobre os relacionamentos abusivos em que estive, mas sempre dizendo como é possível o recomeço, que é possível uma reconstrução.

Hoje sou uma pessoa pró-terapia. Para todo mundo que vem falar comigo que está mal eu digo “Procura terapia, é muito importante, é essencial”. Muita gente me manda mensagem dizendo coisas muito pesadas, porque a literatura tem essa proximidade, a identificação traz proximidade, mas tem coisas sobre as quais eu evito dar conselhos porque não sei mesmo. Então, eu digo “Acho melhor você procurar acompanhamento psicológico, procurar terapia, porque tem coisas que só serão resolvidas ali”. Eu faço terapia há mais de 10 anos, com psiquiatra e psicóloga, e recomendo, acho im-

“Por muito tempo, muita gente me falou de amor-próprio, mas ninguém nunca me disse como me amar. Todo mundo me falava e eu lia muitos poemas que me diziam “Se ame, se ame, se ame”, e eu perguntava “Como?”. Eu achava muito imperativo, e ninguém me dava a estrada. Então, escrevi um livro que pudesse ser uma ferramenta e uma estrada. Meu livro é também uma ferramenta de reconstrução do amor-próprio, da autoestima, no qual falo sobre as dores que senti, sobre os relacionamentos abusivos em que estive, mas sempre dizendo como é possível o recomeço, que é possível uma reconstrução”

“Eu acredito que a população negra ainda vive com muitas questões brancas, desde conselhos embranquecidos que são dados para nós diariamente, por exemplo – eu falo isso para as minhas alunas – “Você só vai ficar bem quando deitar a cabeça no travesseiro e dormir em paz”, mas como que uma pessoa preta dorme em paz se o dia inteiro é uma bomba de racismo, se o dia inteiro é uma bomba de violência, é uma bomba de agressividade? Esses clichês que são ecoados para a gente também são racistas”

portantíssimo, essencial. Escrevi um livro que fala sobre isso, e em todos os lugares onde estou, como professora ou como poeta, falo da pauta do não silenciamento, falo de saúde mental. Todo o meu trabalho é afrocentrado. As oficinas de poesias e as oficinas de cura em que trabalho são oficinas para mulheres negras, todo o meu trabalho é voltado para essas mulheres, todo o meu trabalho é sobre a saúde mental da população negra, de como estamos adoecidos, mas como podemos nos recuperar.

Eu acredito que a população negra ainda vive com muitas questões brancas, desde conselhos embranquecidos que são dados para nós diariamente, por exemplo – eu falo isso para as minhas alunas – “Você só vai ficar bem quando deitar a cabeça no travesseiro e dormir em paz”, mas como que uma pessoa preta dorme em paz se o dia inteiro é uma bomba de racismo, se o dia inteiro é uma bomba de violência, é uma bomba de agressividade? Esses clichês que são ecoados para a gente também são racistas. É impossível uma pessoa preta deitar no travesseiro e sentir plenitude e paz, porque passamos por muitas violências todos os dias – e se for uma mulher preta retinta ainda mais, e se for uma mulher preta periférica ainda mais, e se for uma mulher preta, sapatão, periférica ainda mais, e por aí vai. Eu sou uma mulher preta, mas sou uma preta de pele clara. É importante a gente entender também como essa nuance do racismo prejudica a saúde mental. O nome disso é colorismo, e eu acho importante falar sobre isso.

“Minhas leitoras me procuram muito falando sobre esse processo curativo, de como elas queriam acordar e dizer “Estou curada”. Eu não acho que a cura é uma linha de chegada – eu tenho alunas de 70, 75 anos que conversam sobre isso comigo e dizem “Todos os dias são de uma nova reconstrução, todos os dias são de um novo recomeço, uma nova possibilidade” – e eu acredito. E a poesia traz essa possibilidade. Poesia para mim hoje é possibilidade”

Eu sempre digo que muita gente me vê como uma pessoa inabalável, como a pessoa que recomeçou, a pessoa que está curada. Eu nunca digo que estou curada, acho que o processo curativo é para o resto da vida. Tem dias que dá, tem dias que não dá e tudo bem. Tem dias que eu estou muito bem comigo mesma, que me sinto uma rainha, lacradora e tudo mais, mas tem dias que eu estou uma lâstima e tudo bem. Acho importante falarmos disso. Minhas leitoras me procuram muito falando sobre esse processo curativo, de como elas queriam acordar e dizer “Estou curada”. Eu não acho que a cura é uma linha de chegada – eu tenho alunas de 70, 75 anos que conversam sobre isso comigo e dizem “Todos os dias são de uma nova reconstrução, todos os dias são de um novo recomeço, uma nova possibilidade” – e eu acredito. E a poesia traz essa possibilidade. Poesia para mim hoje é possibilidade. Quando me mudei para São Paulo, eu não conhecia ninguém. Fiz USP, uma faculdade extremamente racista e classista, e não aguentei. Foi a primeira vez que entrei em depressão. Quando eu morava no Cuiabá, falavam das faculdades daqui como se fossem lugares de aconchego, acolhimento, mas não foi o que encontrei.

“Acho que se fala muito de lugar de fala e pouco de lugar de escuta, e eu estou aqui para escutar além de falar”

“E é isso que eu faço: eu exponho a dor, mas vejo a possibilidade de mudança nela. Enfim, a poesia é uma ferramenta de construção muito poderosa. Que haja espaço para essa arte em debates como este sempre”

E esse tempo eu passei muito sozinha e a poesia foi a minha companhia. Por isso, eu dou muito valor à palavra, eu dou muito valor à poesia, dou muito valor à oralidade, dou muito valor às trocas, dou muito valor a olhar nos olhos e perguntar “Como você está?”, eu dou muito valor a tudo isso todos os dias. E como professora eu tento mediar, porque, como carrego muitas no colo, também digo “Gente, eu também quero colo, eu também preciso, eu também tenho as minhas demandas. Sou uma mulher negra, sou uma mulher lésbica, sou macumbeira. São várias opressões juntas, mas também várias resistências juntas”. Acho que se fala muito de lugar de fala e pouco de lugar de escuta, e eu estou aqui para escutar além de falar.

Em uma das atividades que faço nas minhas oficinas, as meninas escrevem cartas para si mesmas – para uma versão de si mesmas no passado, quando sofreram uma dor muito grande –, e eu leio um poema para elas se inspirarem, que é uma carta para a mulher que eu fui há quatro anos, um dia depois do fim da minha segunda relação abusiva. E vou ler esta poesia aqui:

te vendo daqui pegando suas coisas
pra sair dessa casa que nunca te foi lar
sinto vontade de te abraçar apertado
e repetir:

está dando certo
você conseguiu

te convenceram que desistir é uma merda
mas desistir muitas vezes
é o gatilho certo pra renascer
ainda bem que mesmo que por um fio
você foi embora daí

quero te contar que você sobreviveu
que a depressão não conseguiu te comer viva
que as idas frequentes ao hospital pararam
que aquele buraco no estômago
aquele enjoo, aquela rua sem saída
tudo isso cicatrizou
e virou uma marca que inevitavelmente
você veste todos os dias
mas agora isso é um atalho
para que outras mulheres
não precisem pular precipícios
por ninguém

quem diria que a sua história
viraria um mapa pra tantas de nós?

pensando bem você sempre teve
essa fê desmedida
e foi um erro brilhar tantas vezes
pra iluminar escuridões que nem eram suas
mas isso te fez virar galáxia

desde pequena você transforma
caos em estrelas

você ainda não se deu conta
mas é o seu corpo que te fará companhia
pro resto da vida
e só saber disso já faz dele algo tão poderoso
você está fraca agora
e continuar dói pra cacete
mas liberta
quero contar que você vai conseguir olhar no espelho
e enxergar um rosto cheio de linhas
e que você finalmente vai conhecer
gente que te lembra que você é linda
e que não é difícil te amar
vão haver [sic] muitas despedidas
pra abrir lugar pra essas novas pessoas
é cíclico

há livros morando em cada uma de suas expres-
sões
livros que contam sobre a resistência
de uma mulher que é uma em muitas
muitas em uma
você é sua prioridade
e não há egoísmo nisso

não tenha pressa
todo processo curativo
não é tão rápido
ou tão bonito assim
e vai ver se curar é algo diário
tem dia que dá e tem dia que não dá
e tudo bem

é possível amar depois da dor
mas serão amores diferentes de tudo que você
já sentiu
porque amar também é perspectiva
e existe diferença entre amar sendo segundo
plano
e amar sendo protagonista

te escrevo de uma casa que é confortável
bate sol e tem rede na sala
e te conto que você escreveu um livro
que tem feito mulheres abandonarem silêncios
você conheceu a dor cedo demais
pra que agora pudesse existir
em paz³.

Que a gente continue tendo a possibilidade de falar sobre isso. Audre Lorde dizia "Se não puder expor a sua dor e mudar essa dor ao expô-la na literatura, então ela vai morrer dessa dor", ou algo parecido com isso. E é isso que eu faço: eu exponho a dor, mas vejo a possibilidade de mudança nela. Enfim, a poesia é uma ferramenta de construção muito poderosa. Que haja espaço para essa arte em debates como este sempre. 📖

3 LEÃO, Ryane. Tudo nela brilha e queima. São Paulo: Planeta, 2017.

O sarau e a poesia como espaço de cuidado

Binho

O Sarau do Binho atua na Zona Sul de São Paulo há 15 anos, realizando vários projetos voltados ao incentivo à leitura, à criatividade e a uma consciência crítica e cidadã. O Sarau é composto de poetas, músicos e artistas de outras linguagens e se apresenta mensalmente no Espaço Clariô de Teatro, em Taboão da Serra, e também na Praça do Campo Limpo. Além disso, se apresenta em escolas públicas, bibliotecas, unidades do SESC e CEUs.

Nasci no Campo Limpo, bairro da periferia de São Paulo, onde começamos a fazer saraus de poesias em um bar. Eu comecei nesse processo de sarau porque tive contato com a biodança, que trabalha, a partir de algumas linhas, a criatividade, a sexualidade, a transcendência e a afetividade. Um dia, alguém disse "Vamos fazer uma poesia para um amigo". E como a biodança tem muito contato, rodas, abraços...

Eu comecei a escrever e a gostar de poesia em 1995. Na época, eu e a Suzi tínhamos um bar no Campo Limpo e começamos a fazer uma coisa que chamamos de Noite da Vela. A gente tocava os vinis bolachão e, entre um disco e outro, sempre entrava alguém que dizia "Ô, deixa eu falar uma poesia, deixa eu falar uma poesia!". E foi assim que

"Falamos muito de saúde no sarau, principalmente para a população negra. Falamos, por exemplo, da importância de tomar sol, da vitamina D, que não é nem uma vitamina, mas um hormônio, que ela é importante porque regula a pressão arterial, em especial para os negros retintos. Hoje, a gente quase não se expõe ao sol. Disseram que o sol faz mal para vender mais remédio. Os laboratórios ganham mais, a farmácia ganha mais"

a poesia foi entrando de mansinho na nossa vida. Em 1997, nós retirávamos as placas dos políticos das ruas e devolvíamos com poesia. Eram dois atos: o de retirar as placas e, depois, o de sair na noite colocando poesia. Foi nesse processo que fomos conhecendo outras pessoas que também gostavam de fazer isso, que tinham uma necessidade de dizer algo.

É muito importante escrever. Não com o computador ou com o celular; à mão mesmo. Se puderem, escrevam, porque isso cria um processo diferente e um lado do nosso cérebro conversa com o outro. Escreva, guarde e olhe novamente para sua escrita 21 dias depois. Essa é uma ótima experiência para tratar traumas, abusos (principalmente abusos sexuais). Funciona bastante. Nesse processo de cura, você escreve e mais ou menos em 21 dias olha para o que escreveu. Eu estou estudando homeopatia, que é uma boa para os psicólogos. Em vez de mandar a pessoa para o psiquiatra, a homeopatia pode dar uma ajudinha, tem uns remédios muito bons.

Falamos muito de saúde no sarau, principalmente para a população negra. Falamos, por exemplo, da importância de tomar sol, da vitamina D, que não é nem uma vitamina, mas um hormônio, que ela é importante porque regula a pressão arterial, em especial para os negros retintos. Hoje, a gente quase não se expõe ao sol. Disseram que o sol faz mal para vender mais remédio. Os laborató-

"Eu acho que escrever dentro do sarau ajuda muita gente, é um processo de cura"

“Gostamos muito de terminar o sarau em roda, porque, quando a gente pega na mão uns dos outros, quando estamos juntos e nos abraçamos, trabalhamos a ocitocina, hormônio do amor. O abraço e a conexão pelo olhar são muito importantes”

rios ganham mais, a farmácia ganha mais. Então, no Sarau estamos sempre cuidando disso, dando atenção para esses casos.

Eu acho que escrever dentro do sarau ajuda muita gente, é um processo de cura. Foi por isso que eu fui estudar homeopatia, porque vi que tinha a ver. Na periferia estamos meio vulneráveis, quase sem assistência na área de saúde. Os tratamentos sempre são feitos com medicamentos ferozes, com alopátia. E para a depressão, outra coisa boa, é olhar como o cocô está, ver se está saindo bagunçado – é muito sério isso. Tem os traumas para serem resolvidos sim, mas boa parte disso tem a ver com o intestino, por isso temos que cuidar disso. Tem gente que fala disso na internet. Meu professor de homeopatia fala disso, tem que olhar para essas coisas. Nos casos de depressão, além dos traumas, você tem que olhar como é que está o físico.

A poesia, dentro do sarau, é muito importante para a gente. Gostamos muito de terminar o sarau em roda, porque, quando a gente pega na mão uns dos outros, quando estamos juntos e nos abraçamos, trabalhamos a ocitocina, hormônio do amor. O abraço e a conexão pelo olhar são muito importantes. Na biodança usávamos muito isso por causa das couraças que vamos criando... A primeira vez que ouvi falar de Psicologia foi quando a minha irmã estudava e eu peguei um livro dela que era do William Reich, que se chama *Escute, Zé Ninguém!*¹. Eu tinha 17 anos. Aos 13, tinha lido *Capitães da Areia*, do Jorge Amado², e aquilo já tinha mexido com a minha cabeça. Depois de ler o Reich, despertei para algumas coisas na vida. Esses livros me ajudaram muito... a leitura acaba nos formando.

“Dentro do sarau estamos contando nossas histórias, porque muita mentira foi contada até agora. Não sabemos quem a gente é, de onde a gente veio. Tem histórias guardadas por aí, tem símbolos em cima da gente – a cidade, as mensagens, as propagandas são cheias de símbolos, só que não sabemos ler esses símbolos, não conseguimos acessá-los. E, quando fazemos nossos livros e contamos nossas histórias, isso vai mudando muita coisa. Um passa a saber a história do outro, de onde veio, como é que foi”

Dentro do sarau estamos contando nossas histórias, porque muita mentira foi contada até agora. Não sabemos quem a gente é, de onde a gente veio. Tem histórias guardadas por aí, tem símbolos em cima da gente – a cidade, as mensagens, as propagandas são cheias de símbolos, só que não sabemos ler esses símbolos, não conseguimos acessá-los. E, quando fazemos nossos livros e contamos nossas histórias, isso vai mudando muita coisa. Um passa a saber a história do outro, de onde veio, como é que foi. 🗨️

1 REICH, William. [1948] *Escute, Zé Ninguém!*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

2 AMADO, Jorge. [1937] *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

A Psicologia no encontro com a arte

Tatiana Minchoni

Poeta em construção e integrante do Coletivo Sarau do Binho. Doutoranda em Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina, na área de Práticas Culturais e Processos de Subjetivação. Construiu a experiência em docência no ensino superior, lecionando na Universidade Potiguar e coordenando um Núcleo de Psicologia Social Comunitária. É membro do Observatório da População Infanto-Juvenil (Obijuv/UFRN) em contexto de Violência e do Núcleo de Pesquisa em Práticas Sociais, Estética e Política (Nupra/UFSC).

É muito bacana o Conselho Regional de Psicologia de São Paulo estar trazendo toda essa galera, o que mostra um mínimo de conexão com a realidade paulistana, porque o Sarau realmente é uma efervescência cultural que vem acontecendo há uns 20 anos. Quem não conhece ainda procure saber, porque é uma coisa incrível. Eu dividi minha fala em três momentos: um momento inicial sobre a relação da Psicologia com a arte; depois, vou mostrar um vídeo da fala da Nicole, adolescente que também é do coletivo Sarau do Binho; posteriormente, vou comentar essa fala, mostrando um pouco de como a luta dos saraus, por meio da arte, tem criado uma série de possibilidades para as pessoas que vivem na periferia.

Eu parto de uma leitura de mundo a partir da Psicologia sócio-histórica do Vygotsky, compreendendo que o sujeito se constrói nas relações sociais, dentro de uma totalidade histórica. Nesse sentido, compreendemos que no Brasil, um país erigido em bases escravagistas e de colonização – um passado que reverbera no presente –, as pessoas negras sofrem, especialmente as periféricas. E como ler isso a partir do sarau? O Vygotsky tem uma compreensão de que a obra de arte... Vou falar da obra de arte em geral, nas diversas expressões artísticas que são feitas no sarau. A poesia é o carro-chefe, mas também temos música, esquete de teatro, danças, performance etc. A arte é uma necessidade da expressão humana e é construída. E como é que se faz uma obra de arte? A partir da experiência vivida. A partir das coisas que vivemos, dos elementos que vivemos na realidade, no mundo, nas pequenas coisas. Nossas experiências cotidianas possibilitam que tenhamos repertório para fazer criações artísticas.

Essas criações artísticas se dão a partir da nossa experiência, mas elas acabam tendo outra

“A arte é uma necessidade da expressão humana e é construída. E como é que se faz uma obra de arte? A partir da experiência vivida. A partir das coisas que vivemos, dos elementos que vivemos na realidade, no mundo, nas pequenas coisas. Nossas experiências cotidianas possibilitam que tenhamos repertório para fazer criações artísticas”

funcionalidade, e é aí que está o grande potencial da obra de arte: ela é aberta, então uma poesia que é dita aqui está sendo compreendida por cada um e cada uma de vocês de uma forma. A obra de arte se completa no espectador, na pessoa que está ouvindo uma música, que está vendo um quadro, que está assistindo a um filme, que está vendo uma peça de teatro, e isso abre um mundo de possibilidades. Uma mesma poesia tem uma grande possibilidade de leitura, e essa poesia é criada a partir de um processo criativo, que envolve, necessariamente, a imaginação. E aí cada vez que a gente vê mais poesia, que lê mais, que ouve mais, consegue ter mais elementos para criar depois. Por quê? Porque vamos expandimos nossa capacidade de imaginação.

Essas objetivações artísticas dependem de cada pessoa. Cada um se relaciona com uma obra de arte de uma forma diferente, e o que afeta cada um se relaciona à sua história. O que me toca, o que me arrepiou, o que me tira do lugar está relacionado com minha história. Às vezes, você ouve uma poesia e pensa “Meu Deus, fiquei no chão”; você sente no estômago, sente no corpo todo. É algo que literalmente te afeta. O encontro com a obra de arte desperta possibilida-

des de imaginação. A obra de arte se abre para outras possibilidades. Você consegue imaginar, inclusive, outra realidade que não é aquela em que você vive hoje. E dentro do sarau – estou falando especificamente do Sarau do Binho, que é o coletivo que eu estudo e de que faço parte –, o que é que tem sido feito por meio de todas essas expressões artísticas? Eu vou destacar um aspecto, que é a coisa de contar história.

Tem uma fala que a Conceição Evaristo¹ disse em uma feira literária da Zona Sul: “Eu nunca esqueço que trabalho com a arte da palavra”, e eu acho que é isso. É lembrarmos que as palavras também compõem nossas histórias e que é por meio das palavras que se tem contado uma história que foi invisibilizada. Por quê? Não é porque as pessoas negras, as pessoas pobres, as pessoas viventes no território periférico não têm história – muito pelo contrário. Por muito tempo eram pessoas de fora que construíam os discursos sobre a periferia, e no sarau é justamente o contrário.

Tem uma expressão que é a “Tomada da Bastilha discursiva”. Estamos escancarando as portas com nosso discurso, e esse é bem um exercício que

“É lembrarmos que as palavras também compõem nossas histórias e que é por meio das palavras que se tem contado uma história que foi invisibilizada”

o Walter Benjamin² chamava de “escovar a história a contrapelo”. E o que isso significa? Significa resgatar as reminiscências do passado que foram inviabilizadas. Tem um trecho dele que eu acho bastante bonito: “Não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?”³. Acho que o sarau entra justamente nesse momento, colocando sobre a mesa todas as vozes emudecidas pela história. Então, o que significa escovar a história a contrapelo? Significa rever a história a partir daquilo que não foi visto, que não foi escutado. É justamente contar a história da periferia, contar a história do povo negro a partir da voz do povo negro, a partir da voz da periferia, e não mais através da universidade ou da mídia. 🗣️

Contribuição de uma pessoa da plateia

Eu trabalhei um período no Centro Pop, que é um serviço da assistência social que atende a população em situação de rua. Tivemos muita dificuldade de fazer um sarau lá, de convencer a gestão de que isso era potente, de que isso era um trabalho, que estávamos falando sobre subjetividade, sobre construções para aquelas pessoas. Lá conseguimos fazer e foi riquíssimo, mas era sempre uma luta para obter os recursos.

O primeiro começou meio bagunçado, virou uma roda de samba, mas foi sensacional. Depois conseguimos fazer um a cada dois meses, mas sempre com muitas dificuldades. Não conseguia-

mos convencer alguns gestores e parte da equipe da importância de ações como essa. Às vezes, nos serviços públicos, eles esperam produtividade, e o que a arte produz não é aquilo que os gestores estão acostumados a ver. A pessoa vai sair da situação de rua? No caso de lá, não, mas, além de estar fumando o *crack*, ela estava tocando pandeiro, por exemplo. Vivenciamos a experiência de uma moça que andava com a foto dela tocando pandeiro na carteira; ela não tinha RG, não podia tirar porque era foragida, mas tinha uma foto dela tocando pandeiro. Para explicarmos lá que isso é potência, que isso é a Psicologia, dava muito trabalho. 🗣️

1 Graduada em Letras pela UFRJ, Mestra em Literatura Brasileira pela PUC do Rio de Janeiro e Doutora em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense. Participante ativa dos movimentos de valorização da cultura negra no Brasil. Estreou na literatura em 1990, quando publicou os seus contos e poemas na série *Cadernos Negros*.

2 Walter Benjamin foi um filósofo, ensaísta, tradutor e crítico literário alemão. É considerado um dos grandes pensadores do século XX e o principal responsável por uma concepção dialética e não evolucionista da história.

3 BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. In: *Mágia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

A afetividade como princípio do fazer Psi

Aline Matheus Veloso

Psicóloga, mestra em Psicologia Social pela PUC-SP, doutoranda em Psicologia Social pela PUC-SP, formação em Coordenação de Grupos Operativos pelo Núcleo de Psicologia Social da Bahia. Possui experiência com adolescentes em situação de vulnerabilidade social e medidas socioeducativas.

É sempre uma tarefa importante falar de sofrimento ético-político, especialmente como orientanda de Bader Sawaiá¹. A ideia é, basicamente, apresentar um panorama desse conceito, mas eu gostaria também de contribuir com o que venho pensando sobre ele, e, nesse sentido, acho que o fim da minha fala recai mais em provocações sobre nossa formação em Psicologia.

O primeiro ponto a ser colocado é a opção por trabalhar com a questão da afetividade no debate da exclusão. Primeiramente, então, precisamos mapear como os afetos foram tratados ao longo da história da produção científica. Nesse panorama, o afeto é considerado algo desorganizador, que impede inclusive a neutralidade científica. Tem um conceito na Psicologia que eu acho bem delicado – achá-lo delicado não é negar sua importância, mas perceber o quanto esse conceito está investido dessa história, dessa ciência que nega os afetos: o conceito de distância ótima. O quanto a distância ótima, de certa forma, também nos aproxima de uma higienização da nossa experiência? Como se, para estar com o outro, precisássemos, antes de tudo, de uma higienização de nós mesmos. Se eu me deixo afetar ou se, depois de um dia de trabalho, penso naquilo e choro, então estou perdendo a distância ótima. E isso é considerado algo negativo na nossa profissão; não podemos nos deixar afetar e ser afetados por esses encontros.

“Perguntar sobre os afetos é uma questão bastante desorganizadora para a ciência, principalmente quando essa pergunta não é sobre uma avaliação afetiva do outro. Quando colocamos o afeto na roda desse diálogo, porque na Psicologia transitamos pelo afeto, mas pelo afeto do outro, pelas cristalizações afetivas do outro, pelas problemáticas afetivas do outro, mas não pensamos nisso como uma instância política – então recaímos sobre o indivíduo –, nem falamos sobre as afetações que ocorrem ao longo desse encontro, isso se torna um tema temido”

Esse é o primeiro ponto, e isso faz com que pensemos na importância das perguntas desorganizadoras do modo como a ciência se constrói. Perguntar sobre os afetos é uma questão bastante desorganizadora para a ciência, principalmente quando essa pergunta não é sobre uma avaliação afetiva do outro. Quando colocamos o afeto na roda desse diálogo, porque na Psicologia transitamos pelo afeto, mas pelo afeto

1 Professora Titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Possui graduação em Ciências Sociais, mestrado e doutorado em Psicologia Social pela PUC-SP. Atua, principalmente, nos seguintes temas: políticas públicas de assistência social, afetividade/sofrimento ético-político, dialética exclusão/inclusão, movimento sociais/multidão, práxis psicossocial frente à desigualdade social e arte.

do outro, pelas cristalizações afetivas do outro, pelas problemáticas afetivas do outro, mas não pensamos nisso como uma instância política – então recaímos sobre o indivíduo –, nem falamos sobre as afetações que ocorrem ao longo desse encontro, isso se torna um tema temido.

Pensando em minha experiência como técnica de medida, esse é um tema extremamente silenciado. Isso acontecia, por exemplo, na equipe técnica em que eu trabalhava na medida socioeducativa, que é um trabalho super duro por causa das condições dos meninos, pelas quais ninguém podia se deixar afetar. E se o menino morreu? A sociedade é cruel, mas, se eu chorar porque o menino morreu ou se eu quiser ir ao enterro dele, isso demonstra uma incapacidade de ocupar aquele papel. Temos, então, esse panorama.

“Quando estudamos exclusão, não estudamos afetividade, então vamos sempre alocar esse sujeito em uma questão do direito ou em uma questão da assistência social. Então, esse sujeito vai ser visto como alguém que tem seus direitos violados ou como alguém que não tem as condições materiais concretas para se desenvolver. E eu acho que a Bader faz uma provocação importante, que é interessante, porque excluimos aquilo que nos constitui enquanto seres humanos: o afeto”

Quando pegamos um pouco da produção científica no debate da exclusão, acho que Bader sinaliza uma coisa muito importante, que acirra ainda mais essa questão e afirma a importância de perguntarmos sobre a afetividade: quando estudamos exclusão, não estudamos afetividade, então vamos sempre alocar esse sujeito em uma questão do direito ou em uma questão da assistência social. Então, esse sujeito vai ser visto como alguém que tem seus direitos violados ou como alguém que não tem as condições ma-

“Até que ponto estudar a exclusão social negando ou suprimindo o debate da dimensão afetiva é também reproduzir a desumanização desse sujeito da pobreza? De um sujeito que, para resolver sua vida, não se calcula e não põe nessa conta sua experiência afetiva”

teriais concretas para se desenvolver. E eu acho que a Bader faz uma provocação importante, que é interessante, porque excluimos aquilo que nos constitui enquanto seres humanos: o afeto.

Até que ponto estudar a exclusão social negando ou suprimindo o debate da dimensão afetiva é também reproduzir a desumanização desse sujeito da pobreza? De um sujeito que, para resolver sua vida, não se calcula e não põe nessa conta sua experiência afetiva. Na verdade, vamos organizar aqui um panorama para pensar o trabalho; vamos alocar na garantia de direitos e a vida desse sujeito vai se resolver. Retomando o trabalho de técnica de medida socioeducativa, vemos recorrentemente os profissionais dizendo “Ai, mas a gente conseguiu um curso para o menino. A gente conseguiu colocar ele em tal lugar e aí ele não foge. A gente conseguiu uma oportunidade superbacana. Então, ele não quer nada com a vida”. E quando vamos perguntar “Como é que anda esse processo? Nessa trajetória? Como que é isso em termos dos afetos?”. Talvez começássemos não só a compreender esses trânsitos, mas também a facilitar espaços e saltos qualitativos no processo desse sujeito para que ele possa estar nesses lugares que nós achamos que vão resolver a vida dele.

É como se estar ou não, ir ou não ir a um curso fosse apenas a questão do transporte. E não estou dizendo com isso que não seja uma questão com o dinheiro do transporte – uma coisa não nega a outra –, mas que há uma complexidade aí. Bader tem uma fala no *Novas veredas da Psicologia Social*², em que diz que precisamos quebrar o mito de que o pobre não tem sutileza psicológica, complexidade psíquica. Existe uma

2 LANE, Sílvia T. Maurer; SAWAIA, Bader Burihan. *Novas veredas da Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ideia de que a pobreza e a negritude não têm essa complexidade, precisam apenas das garantias sociais. Pensar sobre essa questão não é algo presente na nossa formação, mas precisamos pensar, porque os espaços que poderiam ser ofertados como espaços de cuidado podem se tornar atualizações da negação, do sofrimento e da violência, ainda que estejamos imbuídos de ótimas intenções.

“Precisamos quebrar o mito de que o pobre não tem sutileza psicológica, complexidade psíquica. Existe uma ideia de que a pobreza e a negritude não têm essa complexidade, precisam apenas das garantias sociais”

Acho interessante dar para vocês um panorama dos dois grandes autores com os quais Bader dialoga para construir esse conceito, que são o Vygotsky e o Espinosa. Qual é o ponto fundamental desses dois autores para essa primeira conversa: é a forma como eles veem o afeto. Tanto para Espinosa quanto para Vygotsky, o afeto não é algo negativo; ele é positivo simplesmente. Para os dois teóricos, o afeto constitui as experiências, constitui o pensar e o agir do sujeito.

“Tanto para Espinosa quanto para Vygotsky, o afeto não é algo negativo; ele é positivo simplesmente. Para os dois teóricos, o afeto constitui as experiências, constitui o pensar e o agir do sujeito”

Para Vygotsky, todo pensamento e toda ação possuem uma base afetiva, que ele chama de base afetiva ou volitiva. Então, não existem pensamento e ação que não estejam, de alguma maneira, conectados aos afetos. E, para o Espinosa, corpo e mente, assim como para Vygotsky, constituem uma unidade. O corpo não é escravo dessa mente e faz tudo o que ela manda, muito

menos a mente tem essa relação menor diante do corpo. Para Espinosa, a mente produz esse pensar que é fruto das afetações que o corpo sofre, nos encontros em que ele vive. Assim, o pensar, a função da mente, é fazer uma interpretação – sendo muito grosseira aqui com Espinosa, sendo muito básica –, mas uma interpretação dessas afetações que esse corpo vai vivendo. É pelas afetações que o corpo vive que essa mente pode pensar, que ela pode imaginar, que ela pode criar.

Temos, então, uma unidade com funções distintas, mas com uma unidade, e o afeto está ali construindo também o campo de existência desse sujeito como uma unidade entre essas duas coisas. Quando Bader começa a perguntar sobre a exclusão social e sobre a afetividade na exclusão social, ela começa a delinear o conceito de sofrimento ético-político. Ela diz “Bom, se a gente não encarna esse sujeito da pobreza, se não saímos dessa coisa do sujeito da vulnerabilidade, como um corpo abstrato e desencarnado, não entendemos como é que todas essas questões que debatemos e que estão vinculadas à exclusão social se produzem nesse indivíduo. Então, como é que a exclusão social é vivida por esse sujeito? É só porque não tem o dinheiro do transporte? Mas como é que ela se processa na construção desse sujeito? Na constituição psíquica desse sujeito? Como é que ela se apresenta enquanto desejo, enquanto necessidade, enquanto medo, enquanto fantasia? Como é que podemos pensar como essa exclusão marca esse sujeito e não só influencia?”.

Eu acho que, muitas vezes, ainda recaímos no equívoco de falar do mundo externo e das questões sociais como elementos que influenciam o sujeito, como se existisse um sujeito constituído nas relações familiares... Caímos no clássico da clínica tradicional e, dependendo do meio onde esse desenvolvimento psíquico ocorre, isso pode aumentar ou diminuir determinada característica do sujeito construída nessa rede individual. Eu acho que quando partimos do princípio de que esse psiquismo se constitui nessa experiência com o mundo, também precisamos entrar nessa conta dos medos, das inseguranças, das fantasias, dos desejos, das potências na constituição com esse mundo externo, e não simplesmente como algo que aumenta ou diminui alguma coisa nesse sujeito.

Partindo desse princípio, Bader constrói o conceito de sofrimento ético-político como um

sinalizador de que a exclusão social e a experiência com a opressão produzem um sofrimento que não é um sofrimento necessariamente constituído nas relações individuais desse sujeito, desse indivíduo com que a Psicologia vem tratando, mas de um sofrimento que está no lugar social que esse sujeito compõe nessa experiência. E isso faz sofrer. Eu queria ler para vocês o trecho em que ela conceitua isso exatamente:

O sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais, dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade. Ele revela a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria apropriar-se da produção material, cultural e social de sua época, de se movimentar no espaço público e expressar desejo e afeto (SAWAIA, 1999, p.104)³.

Ela traz aqui a importância de estudar a questão da afetividade, e a pesquisa sobre o sofrimento ético-político envolve compreender como essa dimensão da estrutura social vai sendo internalizada e vivenciada não no momento ou numa cena em que o sujeito vive uma opressão muito clara, mas na própria tessitura do cotidiano. E eu acho que esse é um elemento extremamente importante quando pensamos a exclusão social e a construção desses sujeitos; é pensar nessa miudeza, nessa condição ordinária: por que, muitas vezes, para pensarmos na exclusão e nos sofrimentos que ela produz, ficamos convocando cenas traumáticas? Como se a questão fosse quando alguém diz, sei lá... Quando o menino entra no mercado e é perseguido pela segurança e acontece uma cena e ele é humilhado. Pronto, ali se configura a vivência com a opressão; se configura ali a instância absurda a que podemos chegar enquanto coletividade humana nas relações com o outro.

Isso vai se tecendo em uma miudeza cotidiana extremamente intensa. E eu acho importante pensarmos no diálogo que podemos fazer da questão racial com o sofrimento ético-político, porque percebemos o quanto é no miúdo do ordi-

“E eu acho importante pensarmos no diálogo que podemos fazer da questão racial com o sofrimento ético-político, porque percebemos o quanto é no miúdo do ordinário que isso se constitui, onde não é necessária essa grande cena traumática para se construir”

nário que isso se constitui, onde não é necessária essa grande cena traumática para se construir. Eu sempre gosto de dar o exemplo de um atendimento que fiz uma vez com um menino que cumpria medida comigo, um menino incrível. Um dia, estávamos falando das nossas diferenças e ele começou a dizer “Ah, mas a gente é muito diferente...”; aí eu perguntei “Então, quais são as nossas diferenças?”, e ele “Ah, eu já tomei um tiro, você nunca tomou; eu já fui preso, você nunca foi; eu já apanhei da polícia, você não apanhou”. E aí lá pelas tantas – é engraçado e interessante quando você ocupa um lugar de poder –, quando pensamos na questão racial, ele disse assim: “Seu cabelo é bom e o meu é ruim”. E aí eu soltei meu cabelo porque ele, mesmo olhando pra mim, fantasiava que era liso. Quando soltei meu cabelo, ele fez assim: “Ah, seu cabelo é duro que nem o meu, então essa é uma coisa que a gente tem em comum”.

Tem outra coisa importante aí, que é o porquê de eu estar contando essa história: é interessante perceber que só porque eu sou a técnica de medida e estou nessa instância de verdade, de poder, mesmo o meu cabelo estando ali imageticamente, ele fantasiava que ele era liso. Isso é muito louco! Mas depois ele me disse assim: “Mas sabe qual é a diferença mesmo que existe entre a gente? É que quando as pessoas olham para você, elas pensam coisas boas, e quando elas olham para mim, pensam coisas ruins”. E acho que isso é extremamente importante para começarmos a pensar muito seriamente no que é esse sofrimento ético-político.

No sentido do que eu venho pensando, a partir das questões raciais principalmente, como é habitar um corpo cujas afetações não se tem controle, cujo desenho e intencionalidade não reverberam nesse social? Habitar um corpo que, na leitura social, contradiz tudo o que você deseja e no qual sua intenção e sua energia estão

3 SAWAIA, Bader Burihan. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, Bader Burihan (Org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999, p. 104.

colocadas. Por exemplo, era muito comum o sofrimento dos meninos para ir ao atendimento. Quando fomos destrinchando isso, descobrimos que existia uma questão muito dura, que era a de estar no ponto de ônibus, porque era muito difícil estar indo cumprir a medida para ter uma tarde legal com a Aline, porque íamos fazer alguma coisa interessante, e todo mundo no ponto de ônibus segurar a bolsa quando eu chegasse, e eu entender que, na verdade, saía da minha casa nesse corpo que habito com a intenção de planificar minha existência, com a intenção de resolver os meus B.O.s, com a intenção até de cumprir minha medida, de ter um momento de potência. Esse social vai se destrinchando no sentido de esquartejamento dessa força.

Quando, ao chegar ao ponto de ônibus, meu corpo não anuncia aquilo que é o meu desejo, ele reverbera quase o contrário. O menino saiu de casa, pegou o dinheiro do busão, conseguiu fazer esse corre. Ele está deixando de fazer alguma coisa, está deixando de fumar um *beck* com a galera para ir cumprir a medida, ouvindo de todo mundo que ele está pagando pau para o juiz. E daí ele está enfrentando tudo isso porque, de repente, está legal ir para lá. E, quando ele chega ao ponto de ônibus, todo mundo segura a bolsa, e as pessoas têm medo dele. E aí acho que ele é muito feliz quando diz para mim – “feliz” no sentido da colocação que ele faz: “Quando as pessoas olham para mim, elas pensam coisas ruins”. E é nesse cotidiano muito miúdo que as condições da exclusão vão sendo marcadas e grafadas nesse sujeito.

Precisamos começar a ter seriedade para lidar com isso, a seriedade da escuta disso, senão vamos ficar fazendo uma catalogação das cenas traumáticas de opressão, das grandes cenas emblemáticas, que às vezes se constituem como o último empurrão para o abismo, porque, na verdade, já se caminhou para o abismo nessas miudezas e aquele foi só o pulo final. Ou aquilo já está tão marcado que o sujeito pode narrar tudo sem nenhuma carga afetiva.

Agora eu vou falar um pouco sobre como isso reverbera quando pensamos a conscientização. Eu queria ressaltar uma coisa: não temos uma teoria que garanta que a gente saiba escutar o sofrimento ético-político. Eu acho que essa tem sido a minha maior questão atualmente: como aprendemos a escutar o sofrimento ético-político? Porque acho que, quando pegamos os trabalhos,

“Eu queria ressaltar uma coisa: não temos uma teoria que garanta que a gente saiba escutar o sofrimento ético-político. Eu acho que essa tem sido a minha maior questão atualmente: como aprendemos a escutar o sofrimento ético-político? Porque acho que, quando pegamos os trabalhos, temos feito uma boa sociologização do sofrimento da exclusão social. Então, dizemos que “o racismo faz sofrer”, que “estar abaixo da linha da pobreza faz sofrer, não ter lazer faz sofrer”. E eu não sei se pensamos como isso está na dinâmica psíquica da constituição do sujeito ou se isso é uma espécie de sociologização dos sofrimentos”


temos feito uma boa sociologização do sofrimento da exclusão social. Então, dizemos que “o racismo faz sofrer”, que “estar abaixo da linha da pobreza faz sofrer, não ter lazer faz sofrer”. E eu não sei se pensamos como isso está na dinâmica psíquica da constituição do sujeito ou se isso é uma espécie de sociologização dos sofrimentos.

Eu não sei se a expressão “faz sofrer” garante o lugar de constituição psíquica. O lugar de como isso opera no meu pensar, no meu sentir, no meu agir e de que forma isso opera. Como é que o sofrimento ético-político opera quando o menino está falando da relação de namoro dele? Onde é que ele aparece? Ou ele só aparece quando a mãe diz que está sofrendo porque não tem o que dar de comer para os filhos? E aí vamos lá e dizemos “Então, aqui está o sofrimento ético-político: ela não tem condições de alimentar esses filhos”, ou, voltando para a questão do transporte, não tem dinheiro para proporcionar atividades de lazer com os filhos e sair daquela casa de dois cômodos com sete crianças. Aqui está o sofrimento ético-político, porque ela não tem condições. Eu acho que aí caímos de novo na repetição de como fazemos a crítica.

Se a crítica é tirar o sujeito apenas dessa relação entre direito e assistência, garantia de direitos e condições materiais, se, no fim das contas, ao escutarmos o sofrimento ético-político, marcamos apenas como essas coisas fazem sofrer, perdemos de vista a vida do sujeito. Eu posso contar aqui uma cena muito emblemática do que é isso. Um menino que eu atendia, preto retinto, vivia na comunidade de Itapuã, em Salvador, e estava saindo da relação com o crime. Ele arranhou uma namorada e estava super empolgado com esse namoro; o namoro era a coisa mais incrível do mundo. De repente, ele começou a sofrer várias perseguições da ronda, da Polícia Militar de Salvador – inclusive, tivemos que institucionalizá-lo para tirá-lo do bairro, porque começou a se configurar risco de morte: a polícia bateu três vezes na casa dele, vasculhou o lugar, pegou foto.

Em Salvador tem uma coisa que os policiais fazem, que é fotografar o adolescente e jogar no WhatsApp, então, quando o menino entra em situação de risco de morte, isso não acontece só na favela dele; isso cai na rede, em todas as cidades. Todas as viaturas acessam a imagem dessa figura. Um dia, lá pelas tantas, ele virou para mim e disse que o namoro não estava mais dando certo, que ele ia terminar com a menina. Eu pensei: “Que negócio estranho! Esse namoro era o grande lugar”. E aí a gente foi cutucando o menino até que, dali a pouco, ele disse: “Olha, ela não vai acreditar em mim. Ela vai achar que eu voltei pro crime, porque com a polícia batendo tantas vezes na minha porta não vai ter o que eu dizer. Ela não vai acreditar; ela vai terminar comigo porque ela disse pra mim que só ficava comigo se eu sáísse do crime”.

E foi muito interessante porque ele começou a falar dele. Disse que a primeira vez que a polícia apareceu ele estava na *lan house* e avisaram que os policiais estavam batendo na casa dele. E ele disse assim para mim: “Ah, como eu não devo mais nada, eu fui lá enfrentar a polícia. Fui lá em casa dizer que tava lá e o que que eles queriam”. 15 aninhos. E, quando ele chegou a essa questão do namoro, fomos conversando sobre o quanto significa enfrentar a polícia, que virar para essa menina e dizer “Olha, eu tô com medo de você acreditar na polícia, mas, na verdade, eu não tô envolvido e eu não quero te perder” é enfrentar a polícia, é enfrentar esse sofrimento. Não terminar aquele namoro significava não sucumbir à violência policial; não terminar aquele namoro era não ceder ao sofrimento produzido pelos processos de exclusão e de racismo.

Manter o namoro e dialogar sobre isso com a namorada eram ações extremamente importantes no âmbito do enfrentamento. Se não começarmos a levar a sério o que é pensar o afeto, se não levarmos a sério que o sujeito existe enquanto ser humano, que ele não é só essa figura que precisa de dinheiro e de trabalho, vamos permitir que os namoros dos meninos terminem e sucumbam com a opressão e a violência da polícia e do racismo. Eu vou terminar falando, então, sobre a possibilidade de os meninos namorarem e desenvolverem seus relacionamentos afetivos e da importância de nós escutarmos isso. 

Desigualdade social, sofrimento ético-político e humilhação social como questão política para a Psicologia

José Moura Gonçalves Filho

Graduado em Psicologia na Universidade de São Paulo (1986). Mestre (1995) e doutor (1999) em Psicologia Social pela mesma universidade. Seu tema persistente de investigação corresponde ao que tem designado como humilhação social ou humilhação política. Atualmente, é Professor Doutor no Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de São Paulo.

Nós somos seres políticos por excelência. Para muitos, inclusive, a condição política desses seres que somos nós precisa ser empenhada na compreensão mesma do que nos distingue de outros seres que não os humanos. O político é um elemento que precisa ser muito bem compreendido para que possamos entender quem somos nós distintivamente.

“O caráter afetivo da vida humana não é o bastante para distinguir os seres humanos de outros seres; frequentemente, o que distingue os seres humanos de outros seres é o fato, justamente, de a afetividade humana estar ligada a um sentimento de mundo que não é apenas do mundo próximo, é um sentimento do mundo próximo que, ao mesmo tempo, é vivido como signo do mundo distante, do mundo que havia antes de mim”

Há muita coisa que nós temos em comum com os seres vivos em geral, até com as árvores, com as plantas, nossas irmãs na natureza. Mas há coisas que temos especificamente em comum com outros seres humanos, e, entre essas coisas muito distintas, está a política. O que é o afeto humano é uma pergunta que não pode ser respondida se nós não respondermos à pergunta: por que nós

somos animais políticos? Porque o afeto assim, tomado de uma maneira muito geral, muito abstrata, é justamente o que nós temos em comum com todos os seres vivos. Há botânicos que sustentam que a vida dos vegetais, em certa medida, é uma vida afetiva. O caráter afetivo da vida humana não é o bastante para distinguir os seres humanos de outros seres; frequentemente, o que distingue os seres humanos de outros seres é o fato, justamente, de a afetividade humana estar ligada a um sentimento de mundo que não é apenas do mundo próximo, é um sentimento do mundo próximo que, ao mesmo tempo, é vivido como signo do mundo distante, do mundo que havia antes de mim.

Os seres humanos são capazes de sentir historicamente e não só imediatamente. Alguns dos nossos sentimentos são heranças de sentimentos ancestrais. Há uma maneira de sentir o mundo que é própria dos brasileiros. Há sentimentos que são próprios dos brasileiros que são afrodescendentes e que são transmitidos de geração a geração, de um modo às vezes imperceptível, mas efetivo. Às vezes não percebemos que certos sentimentos nem foram constituídos no nível de nossa história biográfica, mas no nível da história de nossos familiares e até dos pais dos pais dos pais dos nossos pais. E há, muitas vezes, um sentimento de mundo que é informado pelos outros e não só pela nossa experiência do mundo. Então, essa condição de sentir o mundo é sentida com os outros.

No caso dos seres humanos isso é quase incomparável: não há, na natureza, outro animal tão capaz de sentir o mundo compartilhando com os outros seres. Vou dar um exemplo de um sentimento que, sem esse caráter, fica sem compreensão e que é um sentimento político por excelência.

Eu trabalhei durante 17 anos – felizes 17 anos – com mulheres migrantes, a maioria delas responsável pela fundação dos centros de juventude da Vila Joaniza, um trabalho a serviço das crianças do bairro que foi construído de forma comunitária. Um trabalho em que as educadoras, que não eram educadoras no sentido escolar – inclusive, essas mulheres que se ocupavam das crianças no Centro de Juventude, frequentemente, eram semialfabetizadas, não tinham ido além dos primeiros anos do ensino fundamental 1 –, mas eram educadoras em amplo sentido, porque eram responsáveis pela apresentação do mundo para as crianças com base em instruções que não vinham da escola, tanto quanto vinham do trabalho, vinham da vida no bairro, vinham da história de vida.

Essas mulheres, com outros agentes locais, como agentes religiosos, agentes de militância política e outros companheiros de luta que participavam da vida no bairro ou vieram de fora em solidariedade às lutas que foram se organizando no bairro, foram responsáveis pela fundação do Centro de Juventude, um trabalho de organização comunitária, o que significa que, na administração desse centro, tomavam parte as educadoras, a coordenadora do grupo de educadoras, as faxineiras, as cozinheiras e o psicólogo – que, no caso, era eu –, solicitado como um dos assessores. A administração do Centro de Juventude era organizada em reuniões semanais, nas quais todo mundo tinha a vez de falar – que podia até ser dispensada, mas todo mundo tinha a sua vez. Quando alguém dispensava a fala, o grupo geralmente procurava se certificar de que quem tinha o direito de falar, mas não tinha se valido desse direito, não o tinha feito por vergonha, e sim pela livre decisão de não opinar naquele momento.

Essas mulheres formaram a administração do trabalho do Centro de Juventude de tal modo que a experiência de participação se tornou muito forte entre elas. Era um sentimento de participação que não tinha nenhum equivalente em sua experiência pregressa de trabalho, por exemplo, como faxineiras, como empregadas domésticas – que era a condição da maioria delas antes de se tornar educadora no Centro de Juventude. Algumas vinham também do trabalho fabril, como operárias, e, tanto na fábrica quanto nas casas de patroas ou de patrões, essas mulheres não tinham vivenciado a experiência de um trabalho que, para transcorrer e para conhecer sua repetição ou sua alteração, dependesse da opinião de todas as trabalhadoras, e não só de um gerente-geral.

“O ato de ser capaz de olhar firmemente para alguém depende de um tipo de altivez, de uma espécie de dignidade socialmente assegurada, o que falta no humilhado e faz com que o rosto baixe quando ele tem que sustentar o contato com outro rosto”

Essa experiência de participação, curiosamente, foi tendo efeitos afetivos muito fortes. As mulheres da Vila Joaniza chegam ao Centro de Juventude muito envergonhadas, mal conseguem olhar para a gente ou umas para as outras, quanto mais falar. Eu me lembro de que, quando cheguei à Vila Joaniza em 1983 – fiquei lá até 2000, foram 17 anos, como eu disse, felizes 17 anos, embora difíceis –, a vergonha das mulheres que chegavam ao trabalho era impressionante e contrastava com a altivez das educadoras que estavam há mais tempo no trabalho e que tinham participado da fundação do Centro de Juventude. Essas mulheres, quando se punham a conversar com a gente, não olhavam para nós; elas não conseguiam sustentar o olho no olho, a face a face. O ato de ser capaz de olhar firmemente para alguém depende de um tipo de altivez, de uma espécie de dignidade socialmente assegurada, o que falta no humilhado e faz com que o rosto baixe quando ele tem que sustentar o contato com outro rosto.

Aquelas mulheres envergonhadas, quando falavam com a gente, baixavam o rosto. Algumas se esforçavam para olhar para a gente, muitas vezes fechando os olhos. Com a Irene, uma dessas mulheres, eu conversei durante muito tempo de um modo estranhíssimo, porque ela falava comigo de olhos fechados, só abria quando tirava o rosto do campo de visão do meu rosto. Aquilo me intrigava muito, parecia um problema individual. E era. Mas parecia individual em um sentido problemático, uma questão que aparece no indivíduo e, por isso, supomos que seja algo que se formou nesse indivíduo. Muitas vezes, porém, é um problema que se formou no mundo do indivíduo, e outras no mundo do indivíduo considerado temporal e historicamente. É um problema que não está no mundo em que o indivíduo viveu, mas no mundo em que seus antepassados viveram.

Então, esse comportamento estranho está no indivíduo se começarmos a compreendê-lo como um “eu” que é “eu e seu mundo”, como dizia o José Ortega y Gasset¹, “Eu sou eu e minha circunstância”. Eu não sou esse eu, aparentemente, limitado pelo meu corpo e pela minha biografia; eu sou mais do que eu e isso sou eu também; eu sou também, em alguma medida, o meu mundo próprio, o meu mundo alheio, mas que me visitou, o mundo dos outros que me visitaram, eu sou o mundo dos meus pais. Irene não conseguia olhar para mim sem fechar os olhos, caso olhasse, caso dirigisse seu rosto para o meu rosto. Aos poucos isso foi se modificando. Por exemplo, teve uma época em que ela começou a abrir os olhos quando falava comigo, mas de uma maneira muito hesitante, então ela piscava enquanto falava. Noutra época, ela só falava comigo olhando para o outro lado. Todo o tempo podia ter me parecido que Irene tinha alguma esquisitice, algum problema pessoal no sentido abstrato da palavra, um problema só dela que ela carregava.

Irene apresentava certa dificuldade em se comunicar firmemente com os outros, era uma pessoa envergonhada. Era preciso trabalhar isso nela. Ela precisava ser encorajada, precisava saber que tinha o mesmo valor que qualquer outro ser humano. Muitas vezes, nós ficamos insistindo em um esforço do indivíduo como se ele pudesse sair sem ajuda disso onde caiu coletivamente, e não sozinho.

Passado um tempo, Irene começou a olhar para mim, às vezes de maneira tão assertiva que quem passou a ter dificuldade de ficar olhando para ela de olhos abertos fui eu, porque comecei a me envergonhar de certas coisas em que ela me pegava. Houve uma mudança impressionante, que, aliás, foi sentida pelos familiares de Irene, até mesmo pelo coitado do namorado dela, na época em que a perdeu, porque era um sujeito que a apreciava muito enquanto ela não olhava para ele de igual para igual.

As coisas se complicavam muito para os homens, ao mesmo tempo que melhoravam muito para as mulheres. A não ser pelo fato de que muitas delas iam ficando sozinhas, iam ficando melhores e sozinhas, mas depois se viravam, Irene não só conseguiu finalmente um homem que

aguentou o tranco de uma mulher que descobriu que é alguém, como também cresceu com ela e até deu certo. E o quanto um casamento pode dar certo? Porque superar as dificuldades de um casamento é mais difícil do que superar o capitalismo. Não, estou brincando, superar o capitalismo é mais difícil. Para vocês terem ideia da dificuldade da superação do capitalismo!

“Temos que aprender a ligar por dentro o que é mais íntimo, que é o afeto, e o que parece mais compartilhado e exterior, que é a sociedade. Essas coisas se comunicam muito intimamente”

O fato é que, na Vila Joaniza, acontecia muita coisa que representava para um estudante de Psicologia – que eu era em 1983 – e depois um psicólogo – que eu me tornei –, e então um pesquisador de Psicologia – que eu passei a ser – um milagre, porque era a cura psicológica sem psicólogo. E eu queria saber como é que essas pessoas conseguiam se curar sem precisar de um psicoterapeuta. Aí eu me tornei um psicoterapeuta eficaz, que poderia ajudar certas curas a serem promovidas mais depressa, porque a gente aprende com essas curas “espontâneas” – entre outras, porque dependeram de muita organização política – são curas que tinham sua condição em bases políticas.

Temos que aprender a ligar por dentro o que é mais íntimo, que é o afeto, e o que parece mais compartilhado e exterior, que é a sociedade. Essas coisas se comunicam muito intimamente. Eu não sou a sociedade, a sociedade não sou eu, mas é uma abstração querer entender o que seja o eu fora da sociedade ou a sociedade como uma realidade impessoal acima dos eus. É um trabalho teórico dos mais difíceis a gente aprender a pensar psicologicamente com certos sentimentos que são percebidos como políticos, mas são sentimentos; é uma das coisas mais difíceis aprendermos a pensar sentimentos que são políticos e que são sentimentos de modo a não gerar confusão. Vou dar exemplos mais esclarecedores. Eu estava contando isso porque tinha em mente falar da Natil. Tinha dito a vocês que os seres humanos se distinguem por serem animais que, quando sentem o mundo, o fazem com

1 Filósofo espanhol, ativista político e jornalista. A frase “Eu sou eu e minhas circunstâncias” encontra-se em: ORTEGA Y GASSET, J. [1914]. *Meditações do Quixote*. São Paulo: Livro Ibero-Americano, 1967.

os outros de maneira compartilhada. Vou contar uma história que já contei várias vezes para quem me conhece, mas vou contar de novo – ainda bem que muitos de vocês não me conhecem, porque vão ouvi-la pela primeira vez.

A Natil sofria de um mal – aos poucos, fui percebendo que era um mal que todas as mulheres sofriam na Vila Joaniza, cada uma à sua maneira, com significados um pouco diferentes de umas para as outras – que era o seguinte: se a gente se retirava em grupo para algum lugar, geralmente fora da Vila Joaniza, por exemplo, se fossemos passear no parque do Ibirapuera para fazer um piquenique, uma certa experiência se dava com a Natil: chegávamos ao Ibirapuera e ela ficava encantada com aqueles jardins, com o brilho daquela água translúcida, com aquele laguinho então em torno de uma casa japonesa e que abrigava carpas, aqueles peixes enormes, cada um de uma cor... aquilo era encanto para Natil. Ela ficava muito feliz achando que nós realmente havíamos acertado no passeio, porque havia muita coisa para usufruir ali, muita beleza, muita natureza, muito ar, muita luz, muita grama, muita comida. Contudo, podia acontecer de, mais cedo ou mais tarde, ela entrar em uma espécie de fruição na qual de agradável o lugar se tornava desagradável. E não era raro que, quando ela começasse a amargar, desatasse a chorar – porque, em geral, quando estamos amargando qualquer coisa, nós choramos, ou pelo menos nas pessoas mais abertas, as lágrimas logo caem quando estão amarguradas.

A Natil era assim: chorava e ficava muito encabulada por chorar, porque não entendia o porquê de estar chorando. E as pessoas, sem querer, às vezes, eram torturantes com ela, porque diziam: “Natil, o que aconteceu? Hoje é um dia feliz, não é? Você não está gostando? Aqui é tão bom...”. Ela dizia “Eu tô... eu tô... é claro que eu tô gostando, é claro que eu tô gostando” com voz de choro. E tremia e se desculpava: “Desculpa, eu sei que está bom, eu sei que está tudo bem”. E chorava, e chorava, e nós não conseguíamos entender o que acontecia com ela. Quando ela se acalmava, frequentemente era para falar coisas do tipo: “Por que que o Robson não veio comigo?” – Robson era o sobrinho e afilhado dela; “E a Roseli, que passou em casa hoje?” – era a madrinha dela – “Por que eu não trouxe a Roseli comigo?”. E então ela começava a falar de um sem-número de pessoas da família, do bairro, irmãos de classe de destino que ela gostaria que estivessem ali e não estavam.

Quando fomos juntos a Nova Lima para visitar uma companheira nossa da Vila Joaniza, Natil adorou sair de São Paulo pela primeira vez - ela achou Nova Lima, que, para quem já viajou para fora de São Paulo, é uma cidadezinha assim meio como qualquer outra - uma cidade maravilhosa, um Rio de Janeiro. Passadas algumas horas em Nova Lima, ela começou a amargar. Um dia, nos sentamos bem disciplinadamente e eu gravei a conversa para minha pesquisa. Eu quis saber dela: “Natil, vamos lembrar situações que você conhece bem?”. Ela disse “Eu até já sei do que você vai falar”. E era disso mesmo. Eu perguntei “O que é que acontece?”. E ela disse “Eu não sei, é uma coisa irresistível. Eu tô lá em um lugar lindo como Nova Lima, está tudo bem, tudo maravilhoso e eu não sei... eu despenco de volta na minha realidade. Eu tô lá, mas de repente parece mágica e eu já tô aqui de volta na Vila Joaniza, na casa com a minha mãe. E se não acontece de eu voltar mesmo para minha casa e para perto da minha mãe? Eu imagino a volta e fico vivendo da imaginação da volta e sentindo a falta da minha mãe aqui comigo. E não dá, e não dá, e não dá... tudo perde um pouco a graça. O que tem graça é voltar para o meu mundo, mas isso é uma coisa que me atrapalha, porque eu queria manter a graça que o outro mundo tem. Mas não dá, eu despenco”, ela usava muito a frase “Eu despenco para a minha realidade”.

Esse sentimento de despencar na própria realidade e não conseguir sustentar a fruição de bons sentimentos levou a Natil a ter fama de ser uma pessoa muito apegada à mãe e que não conseguia ir para longe dela, só se levasse a mãe junto. É o que parece? Em certa medida é, mas muitas vezes vemos a coisa de muito perto. Se ampliarmos a leitura, poderemos perceber que a coisa é um pouco diferente do que parece ser de perto. De perto parece “lh, a Natil tem uma dependência edipiana com a mãe dela. Ela é ligada edipianamente à mãe dela. Ela fez o primeiro amor com a mãe e não consegue se desprender desse amor para outros amores”. A própria Natil chegou, algumas vezes, a pensar assim sobre ela, e não ia faltar psicólogo para dizer “Realmente, Freud já falava disso” sobre esses primeiros amores a que nós nos apegamos. Podia ser isso, mas tem que provar se é isso.

Nessa mesma entrevista, num dado momento, ela começou a me contar, em outro contexto, que não tinha relação com esse problema dela de não sustentar o prazer. E ela contou o

seguinte: uma vez, um carnaval se formou na Vila Joaniza. A Prefeitura – que, na época, era da Luiza Erundina –, em colaboração com os joanizenses, fechou o bairro para o trânsito e abriu inteiramente as ruas e as pequenas e poucas praças da Vila Joaniza para o carnaval. Foram três dias de festa para ninguém botar defeito e Natil não voltou para casa em nenhum deles. Ela se esbaldou no samba – e ela, que nem sabia sambar, aprendeu. E aí eu disse: “Mas e aí, você não despencou?” e ela virou assim para mim e disse: “Despencar? Não! Despencar de que jeito, se eu estava no meio de gente como a gente?”.

Foi nesse momento que ela percebeu o que falou: várias vezes, fomos juntos para lugares onde ela despencou, então ela estava dando a entender que, quando estava comigo, não estava “com gente como ela”. E se desculpou, querendo dizer que nesses ambientes ela não se sentia de igual para igual. E aí ela percebeu e disse: “Não, não... você entendeu o que eu tô falando, né? Não tô querendo te ofender sugerindo que você não sabe ser de igual pra igual com os pobres, né?”. E eu não sabia mesmo; aprendi a ser com ela e com outras joanizenses. Não sabia mesmo ser de igual para igual com os pobres, e esperar que eles fossem de igual para igual comigo sem eu ser com eles, não dava! O fato é o seguinte: só sabemos que realmente conseguimos ser de igual para igual com os pobres quando eles conseguem ser com a gente; essa é a prova de que você conseguiu também. Mas essa é outra complicação das relações com o outro que precisam ser compreendidas também politicamente e não só de perto, mas também de longe.

Foi com o “Despencar de que jeito, se eu estava no meio de gente como a gente?” que ela deu uma dica do que a faz despencar em ambientes onde não sente a igualdade social, onde sente a desigualdade. E aí complica, sabem por quê? Porque ela sente que está usufruindo de um bem que não é qualquer pessoa excluída que poderá usufruir. Porque se a mãe dela, que está excluída, estiver ali, vai estar para limpar o chão do Ibirapuera, e não para fazer piquenique com a gente. A mãe dela estará ali de segurança ou de gari no Ibirapuera: “Mas é só assim que minha mãe vai tá aqui; dificilmente minha mãe vai tá aqui como nós estamos”. Aí eu perguntei: “Mas e sua mãe, foi com você ao carnaval da Vila Joaniza?”. Ela disse “Que nada! Minha mãe não gosta de samba” e eu disse “Ué, sua mãe não estava com você esses três dias?” “Não” “E você não foi correndo pra casa?”, “Não”. Eu perguntei: “Mas você não é grudada na sua mãe e não consegue se desgrudar dela?”. “Não”. E foi aí que eu disse: “Seu problema não é o apego edipiano. Podia até ser, mas seu problema é que você não suporta a sociedade de classes”. 🗣️

Democracia é demarcar terras indígenas

Valdelice Veron

Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Grande dourados – UFGD. Mestra em Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais pela Universidade de Brasília – UNB. Conselheira e liderança indígena na retomada das terras tradicionais


Em nome do meu povo, estou aqui. Sou da terra indígena Taquara, no município de Juti, do estado de Mato Grosso do Sul. É uma honra, para nós, estarmos aqui presentes fazendo parte do enfrentamento da desigualdade e em defesa da democracia, um dever ético para todos os guerreiros e guerreiras que lutam pelo bem viver. Eu sou da etnia Kaiowá, estou aqui para dar voz a todos os povos da terra. O povo do mato que é o povo da base, onde nós temos firmado e afirmado a nossa política da união, da coletividade, da força e da coragem. Porém, nós, indígenas, observamos que, no meio de alguns não indígenas, ainda temos impregnado esse pensamento colonizador, individualista, do militarismo, o que promove a morte da democracia. Quando falamos de “morte da democracia”, o que são essas mortes?

É a morte dos povos indígenas. Nós, povos indígenas, que seguimos gritando e lutando pela terra, pela vida, pela justiça e pela demarcação. A morte dos povos quilombolas, com toda a sua cultura e tradições. É a morte do povo ribeirinho e sua luta pela sobrevivência. Das mulheres quebradeiras de coco-babaçu e sua luta pelo direito territorial. É dos povos Geraizeiros, do MST, das psicólogas e psicólogos, gritando, lutando e indo ao enfrentamento pela igualdade. E assim todos nós, juntos, devemos levantar e lutar pela democracia, porque nós somos a democracia, nós somos a base. Não serei eu sozinha, nem você sozinho – tem que ser nós, Ubuntu, eu sou porque nós somos. Temos que derrubar essa forma de pensamento militarista que tem sustentado a desumanização pela força da guerra e da dominação.

O racismo, que se ancora no capitalismo e que marcou cruelmente os povos indígenas e qui-

“Porém, nós indígenas observamos que, no meio de alguns não indígenas, ainda temos impregnado esse pensamento colonizador, individualista, do militarismo, o que promove a morte da democracia”

lombolas do mundo, nos coloca na categoria dos indesejados. Nós, povos indígenas, somos condenados em nossa própria terra, somos estrangeiros em nosso próprio país. Nós temos que provar que aquele pedacinho de terra é nosso até hoje. E como é que a gente prova? Demarcando, muitas vezes, com o nosso próprio sangue. Nossa luta cria quando damos voz às mulheres, crianças, idosos, aqui nas ruas de São Paulo e lá entre os povos indígenas. Vocês, psicólogas, estão abrindo esse espaço, e eu sei que não é fácil. Nós devemos lutar juntos pela democracia, porque a democracia é justiça, a democracia é o povo, a democracia é o equilíbrio. A democracia é igualdade, é emprego. Defender a democracia é lutar contra o genocídio do nosso povo indígena, é lutar contra o feminicídio que acontece em todo o Brasil, defender a democracia é encostar o Estado brasileiro na parede.

Chega de violência contra o nosso povo indígena, chega de violência com as pessoas consideradas fracas pelo capitalismo, sem acesso à escola, à saúde, a uma vida digna. Lutar pela democracia é lutar pelo bem viver. Nós, indígenas, chamamos esse bem viver de *teko porã*. A gente não cria sem sangue, assim nós temos que lutar. 

Defender a democracia como princípio ético da Psicologia

Ana Vladia Holanda Cruz

Doutora e mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), faz parte do Grupo de Pesquisa Marxismo e Educação e do Núcleo de Estudos Socioculturais da Infância e da Adolescência. Atua também em Psicologia Social, Direitos Humanos e Psicologia na interface com a Justiça.

Eu queria começar resgatando uma provocação do Martín-Baró, quando ele, próximo de seu assassinato, nos perguntou qual era o papel dos psicólogos e das psicólogas. Talvez ali ainda houvesse algum otimismo no contexto da redemocratização, inclusive do Brasil, uma redemocratização que permanece inconclusa. E, naquele momento, ele disse:

Existe uma crescente consciência entre os psicólogos latino-americanos de que, na hora de definir a nossa identidade profissional e o papel que devemos desempenhar em nossas sociedades, é muito mais importante examinar a situação histórica de nossos povos e suas necessidades do que estabelecer o âmbito específico da psicologia como ciência ou como atividade (MARTÍN-BARÓ, 1997, p. 7-8).¹

“O trabalho profissional de psicólogas e psicólogos deve ser definido em função das circunstâncias concretas da população a quem ela deve servir e atender”

Então, antes de tudo, está a reivindicação da história pelo que ela foi e contra o que ela foi para ajudarmos a construir o que será. Na verdade, é o

óbvio, o que todas as mesas já colocaram aqui: o trabalho profissional de psicólogas e psicólogos deve ser definido em função das circunstâncias concretas da população a quem ela deve servir e atender. E é essa conjuntura que nós vivemos hoje que nos convoca em vários aspectos de uma justiça estrutural. Quando estamos falando de injustiça e debatendo o tema da exclusão, sempre pensando criticamente o termo “exclusão”, uma vez que ele acaba deixando oculto de que essa exclusão é produzida, ela é um resultado *sine qua non* do funcionamento do modo de produção do capital; ela não é acidental, é provocada, prevista e necessária para seu funcionamento.

Bader Sawaia aponta três dimensões que se interpenetram, se complementam, não estão de forma nenhuma separadas dessa exclusão: a dimensão objetiva da desigualdade social, a dimensão ética das injustiças e a dimensão subjetiva do sofrimento. Eu queria abordar aqui algumas das questões mais gritantes dessa produção de desigualdade e chamar a atenção para alguns eventos mais recentes que acho que são especialmente reveladores dessa injustiça estrutural.

A primeira questão é apontar a quantidade de homicídios que nós temos no Brasil. A cada ano, batemos recordes de corpos no chão com pouquíssima investigação, nem mesmo sobre quem são essas pessoas que tombam, porque a violência não afeta todos da mesma maneira. Se olharmos para o nosso sistema carcerário, nossa massa carcerária é a terceira maior do planeta, mesmo que a impunidade seja uma das pautas preferidas da direita. O primeiro tipo penal a levar ao cárcere é o roubo; o segundo é o tráfico – nós, felizmente, fazemos um importante e fundamental debate

¹ MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O papel do psicólogo. Estudos de Psicologia. Natal, v. 2, n. 1, p. 7-27, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1997000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

sobre a regulamentação das drogas, uma política de drogas que não seja proibicionista e que olhe para os usuários e comerciantes como cidadãos, atendidos dentro do campo da saúde. Em terceiro lugar, vêm os homicídios.

Alguém chuta quantos por cento da população carcerária está presa por homicídio? Onze vírgula alguma coisa, onze vírgula uma coisinha. Ou seja, de cada 10 pessoas em um país que tem quase 64 mil homicídios por ano, apenas 10% da massa carcerária é composta de pessoas que atentaram contra a vida. Isso é revelador, porque mostra que há pouca investigação sobre quem mata as pessoas na periferia, porque esse tipo de morte não acontece nos bairros nobres, acontece nas periferias – onde, para os ditos formadores de opinião, a vida realmente não importa. Enquanto nós dizemos que cada vida importa, existe aí uma clivagem, uma hierarquia de valor da vida a depender do território onde ela se encontra.

A quantidade de estupros precisa ser ressaltada também. Os números oficiais informam que são mais de 60 mil estupros por ano, e sabemos que há uma enorme subnotificação desse tipo de crime. Eu não sei se vocês chegaram a ver, porque foi na minha cidade – eu sou de Fortaleza, no Ceará –, mas, recentemente, um motorista desses aplicativos de transporte foi preso por estupro. Havia duas denúncias oficiais registradas contra ele. Depois que ele foi preso, oito mulheres foram reconhecer o mesmo motorista. Para termos uma ideia da subnotificação dessa violência, por uma série de questões, inclusive a revitimização, quando a mulher que foi vítima da violência sexual vai fazer a denúncia, não há preparo para acolhê-la.

Violência doméstica com lesão corporal são mais de 600 por dia, e, mais uma vez, aqui a subnotificação é regra. E ainda há as mortes, em especial de adolescentes, as chacinas no campo e na cidade, que têm aumentado exponencialmente, as prisões arbitrárias, a política de drogas, a desigualdade, que é gritante. O relatório da Oxfam², que não é nenhuma organização revolucionária – muito pelo contrário, tem financiamento do Banco Mundial –, aponta que apenas cinco pessoas detêm a mesma riqueza que a metade da população do planeta, para vermos o tamanho dessa desigualdade e da concentração de renda que é

necessária para o funcionamento dessa sociedade que está aí. Ela é tão forte que gera uma enorme diferença na expectativa de vida. No conjunto de países ditos desenvolvidos por conta do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), 29 superam a expectativa média de 80 anos; de outro lado, há 22 países cujos habitantes não superam a média dos 60 anos. São 20 anos de diferença; 20 anos é a idade de boa parte dos alunos que assistem às aulas dos nossos cursos de Psicologia.

Se olharmos em alguns territórios e localidades, nas periferias, por exemplo, essa diferença pode ser ainda maior, justificada pura e simplesmente pela morte de adolescentes. Além desses dados, acho que tem eventos recentes que não podemos deixar de mencionar: a execução de Marielle Franco é absolutamente sintomática desse momento da nossa história; a prisão do Lula e, mais do que a prisão – ou talvez tal e qual a prisão –, os tiros contra a caravana, que não podemos deixar esquecer; a intervenção militar federal do Michel Temer no Rio de Janeiro, onde já tinha uma política de ocupação militarizada, territorial que são as UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora).

Como Marielle Franco colocou em sua dissertação de mestrado³ “pacificador, passa e fica a dor”. Tudo isso é desdobramento da questão social. Parece ser cada vez maior a quantidade de pessoas que aderem ao populismo autoritário. Eu fico pensando o quanto isso não é uma certa confusão entre uma demanda de estabilidade e um autoritarismo representado por protofascismos ou fascismos declarados que demandam uma política criminal com derramamento de sangue. Quando falamos de política criminal, estamos partindo de um conceito que é a tentativa de captar uma dinâmica social, portanto, uma dialética, uma disputa no terreno inclusive do senso comum, que atua para manter ou para alterar a legislação penal vigente e os mecanismos encarregados da sua operacionalização.

Temos pelo menos quatro grandes sistemas encarregados de operacionalizar o sistema penal: o direito penal, o sistema carcerário, o sistema judiciário e o sistema de segurança pública propriamente dito. Todos eles intrinsecamente marcados pela seletividade. E há uma demanda para responder a esses desdobramentos da questão social através do estado penal e policial. É isso que o

2 OXFAM. *A distância que nos une: um retrato das desigualdades brasileiras*. 2017. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/Relatorio_A_distancia_que_nos_une.pdf>. Acesso em: 18 de abril de 2019.

3 FRANCO, Marielle. *UPP – A redução da favela a três letras: uma análise da política de segurança pública do estado do Rio de Janeiro*. São Paulo: Editora N-1, 2018.

Loïc Wacquant⁴ denuncia como estado-centauro. O centauro é aquela figura mitológica que tem tronco e cabeça de gente e corpo de cavalo ou de uma fera. Ou seja, ele tem uma cabeça liberal para a garantia de direitos, mas um corpo absolutamente autoritário na hora de lidar com os desdobramentos da questão social, incluindo o aumento da violência a que o Estado responde na maioria das vezes com uma política bélica, militarizada, que potencializa a violência e as mortes em vez de enfrentá-la. O Wacquant resume isso de uma forma que acho interessantíssima: “a mão invisível do mercado encontra seu prolongamento ideológico e seu complemento institucional nos punhos de ferro do Estado penal”⁵.

O Estado não está lá com escolas de qualidade, professores, serviços de saúde, serviços socioassistenciais como um todo, mas a polícia está nesses territórios desassistidos de seus direitos. Um dado muito revelador foi passado pela Gisele, comunicadora lá da favela da Maré. Ela diz: “Olha, aqui, em tempos de ocupação militar, nós temos um militar para cada 50 moradores, um policial para cada 50 moradores”. Se pensarmos na densidade populacional, na forma de vida da Maré e os puxadinhos em que moram a avó embaixo, a mãe em cima e a filha ao lado, talvez possamos dizer que seria um policial para cada cinco casas. Você não encontra essa mesma proporção em nenhum outro tipo de serviço público, apenas para a violência, pois eles não estão lá para fazer a segurança dos moradores, mas para contenção.

O militarismo é a própria garantia da lei e da ordem numa sociedade de classes. Ele está lá ocupando aquele território pela via do terror como uma forma de controle social. É brutalmente paternalista quando se trata de lidar com os desdobramentos da desigualdade. Martín-Baró também abordou isso. Ele afirma:

A maior parte do povo nunca teve suas necessidades mais básicas de alimentação, moradia, saúde e educação satisfeitas, e o contraste entre essa situação miserável e a superabundância

das minorias oligárquicas constitui-se na primeira e fundamental violação aos direitos humanos em nossos países. A manutenção secular desta situação só tem sido possível graças à aplicação de mecanismos violentos de controle e repressão social, que tem impedido ou frustrado todo esforço histórico para mudar e mesmo reformar estruturas sociais mais opressivas e injustas (MARTÍN-BARÓ, 1997, p. 8-9).⁶

“Portanto, também cabe a nós, psicólogas, a tarefa de recuperar o indivíduo na intercessão da sua história com a história da sua sociedade”

Portanto, também cabe a nós, psicólogas, a tarefa de recuperar o indivíduo na intercessão da sua história com a história da sua sociedade. “Escovar a história a contrapelo”, como nos coloca Walter Benjamin. Pior ainda é ver que, diante desse quadro, a instrumentalização do medo vira uma excelente plataforma política, servindo para alavancar a posição que reforça esse estado-centauro: “Há quem tenha medo que o medo acabe” nos coloca Mia Couto⁷. E assim vamos naturalizando, a cada dia, o sacrifício da justiça no altar da segurança. Quem nos coloca isso é o Eduardo Galeano⁸, nosso latino-americano: também se sacrifica a justiça em nome da segurança. Em nome da segurança e de uma suposta defesa social, mas, na verdade, da proteção de uma minoria.

Todo abuso é permitido em nome da segurança desse setor. Isso é revelador do próprio paradoxo dos Direitos Humanos, ou seja, nós temos um sistema econômico que gera enormes desigualdades estruturais e opressões com uma ideologia jurídico-política que promete dignidade e equidade. É um paradoxo que precisamos apontar e enfrentar. E aí vem a dimensão da ética profissional. Eu tenho pensado nessa ética dos afetos.

4 Loïc Wacquant é professor de Sociologia na Universidade da Califórnia, Berkeley, e pesquisador no Centre Européen de Sociologie et de Science Politique, Paris. Seu trabalho abrange a marginalidade urbana, a dominação étnico-racial, o Estado Penal, a encarnação, a teoria social e a política de razão. O termo “estado-centauro” encontra-se na obra: WACQUANT, Loïc. *Punir os pobres: a nova gestão penal da miséria nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2003.

5 Wacquant, Loïc. *Punir os Pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2003, p.32..

6 MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O papel do psicólogo. *Estudos de Psicologia*. Natal, v. 2, n. 1, p. 7-27, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1997000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 de maio de 2019.

7 Mia Couto proferiu esta frase em 2011, durante a Conferência do Estoril, encontro global que acontece em Cascais, Portugal, de dois em dois anos.

8 Foi um jornalista e escritor uruguaio. Suas obras combinam ficção, jornalismo, análise política e História.

O Comitê de Prevenção de Homicídios na Adolescência inicia seu relatório⁹ dizendo que a violência e a morte começam no abandono. Só alcançamos, de fato, o sofrimento ético-político a que os nossos companheiros e companheiras estão sujeitos se a gente se aproximar daquilo que lhes causa sofrimento e alegria e, geralmente, há um distanciamento que é revelado até pelos privilégios de quem consegue alcançar o ensino superior. Então, acho importante reconhecermos determinados privilégios de acesso àquilo que deveria ser direito e ressaltar a importância de iniciativas como a Pedagogia da Terra, que vai abrir o curso de Psicologia da Terra realizada pelo MST, que é a reivindicação de um saber que não é colonizado e que, ao contrário, se afirma a partir de seu próprio território e de sua própria realidade.

“Só alcançamos, de fato, o sofrimento ético-político a que os nossos companheiros e companheiras estão sujeitos se a gente se aproximar daquilo que lhes causa sofrimento e alegria e, geralmente, há um distanciamento que é revelado até pelos privilégios de quem consegue alcançar o ensino superior”

A Psicologia tem uma tarefa histórica, inclusive por causa da forma como surgiu e se consolidou no Brasil. Na década de 1970, a Psicologia praticamente servia de técnica para solucionar os problemas íntimos de privilegiados. Felizmente, nós já conseguimos superar grande parte disso. Hoje nós estamos colocando outra tarefa histórica quando nos perguntamos que sofrimento ético-político é esse. Todo ser humano está constantemente dividido entre o reconhecimento de seu desejo e seu desejo de reconhecimento. Eu queria falar de um termo que alguns teóricos usam, que é a invisibilidade perversa. A vida concreta da pessoa fica

“A Psicologia tem uma tarefa histórica, inclusive por causa da forma como surgiu e se consolidou no Brasil. Na década de 1970, a Psicologia praticamente servia de técnica para solucionar os problemas íntimos de privilegiados. Felizmente, nós já conseguimos superar grande parte disso. Hoje nós estamos colocando outra tarefa histórica quando nos perguntamos que sofrimento ético-político é esse”

anulada e se projeta sobre ela apenas uma série de caracterizações que são negativas e que, muitas vezes, justificam a violência.

Na sociedade capitalista, algumas pessoas se tornam descartáveis. A máxima das sociedades capitalistas é respeitar o mercado para depois incluir as pessoas conforme sua conveniência. É preciso pensar mais do que no termo genérico de um compromisso social. E para resgatar aqui, pela última vez, Martín-Baró:

Ainda que o psicólogo não seja chamado para resolver tais problemas, ele deve contribuir, a partir de sua especificidade, para buscar uma resposta. Propõe-se como horizonte do seu quefazer a conscientização, isto é, ele deve ajudar as pessoas a superarem sua identidade alienada, pessoal e social, ao transformar as condições opressivas do seu contexto. Aceitar a conscientização como horizonte não exige tanto mudar o campo de trabalho, mas a perspectiva teórica e prática a partir da qual se trabalha. Pressupõe que o psicólogo centro-americano recoloca seu conhecimento e sua práxis, assuma a perspectiva das maiorias populares e opte por acompanhá-las no seu caminho histórico em direção à libertação (MARTÍN-BARÓ, 1997, p. 7).¹⁰

9 Cada vida importa: relatório do primeiro semestre de 2017 do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência. Disponível em: <https://www.al.ce.gov.br/phocadownload/relatorio_primeiro_semestre.pdf>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

10 MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O papel do psicólogo. Estudos de Psicologia. Natal, v. 2, n. 1, p. 7-27, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X1997000100002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

“Na sociedade capitalista, algumas pessoas se tornam descartáveis. A máxima das sociedades capitalistas é respeitar o mercado para depois incluir as pessoas conforme sua conveniência. É preciso pensar mais do que no termo genérico de um compromisso social”

Quantas pessoas assassinadas foram citadas nessa fala de vinte minutos? Algumas se transformaram em números, nós nomeamos outras, como Marcos Vinícius, Marielle, o próprio Martín-Baró, muitos dos parentes da Valdelice. E aí está o ponto mais básico da nossa dimensão ética, penso eu. Walter Benjamin nos fala sobre a necessidade de nos apoderarmos de uma lembrança tal como ela lampeja em um instante de perigo; essa lembrança são os nossos mortos. São os nossos mortos e somos nós, os sobreviventes. Devemos então nos confrontar, devemos lutar, pelo menos denunciando a miséria da realidade quando comparada com a riqueza de possibilidades que ela contém. Imaginem um Brasil de terras demarcadas. Imaginem um Brasil que enfrenta seu racismo estrutural, que resgata sua história social. Precisamos resgatar isso e ver a posição em que nós somos colocadas para saber qual é o nosso projeto ético-político, enquanto psicólogas comprometidas com essa realidade insuportável. 🌱

“Devemos então nos confrontar, devemos lutar, pelo menos denunciando a miséria da realidade quando comparada com a riqueza de possibilidades que ela contém. Imaginem um Brasil de terras demarcadas. Imaginem um Brasil que enfrenta seu racismo estrutural, que resgata sua história social. Precisamos resgatar isso e ver a posição em que nós somos colocadas para saber qual é o nosso projeto ético-político, enquanto psicólogas comprometidas com essa realidade insuportável”

Nossa luta cria: psicólogas e psicólogos na defesa de direitos

Relatos de experiência de como a atividade de psicóloga/o tem produzido luta contra a desigualdade e em defesa da democracia

A Psicologia na intersecção entre saúde e justiça

Helena Fonseca Rodrigues

Graduada em Psicologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Saúde Coletiva pelo Instituto de Ensino e Pesquisa Sírio-Libanês. Especialista em Apoio institucional com ênfase em Atenção Básica pela Unicamp. Realizou curso de capacitação no Instituto de Ensino e Pesquisa Sírio-Libanês de saúde baseada em evidência e tem experiência com metodologias ativas de ensino e aprendizagem. Atualmente é analista técnica do Núcleo de Saúde Mental Álcool e outras drogas da Fiocruz Brasília.

Atualmente, estou trabalhando no Núcleo de Saúde Mental da Fiocruz Brasília. Já estou há algum tempo nessa temática da saúde mental, álcool e outras drogas pela Fiocruz, e é nessa proposta que vou contar um pouco da minha experiência. Desde que concluí o curso de Psicologia, tenho atuado nessa intersecção entre Saúde e Justiça, mas hoje escolhi relatar a experiência do Projeto Redes, que foi executado pela Fiocruz com financiamento da Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas (Senad).

Esse projeto tinha como foco a articulação de rede, intersetorialidade para pessoas que têm problemas relacionados ao consumo de substâncias psicoativas. Atuamos nesse projeto em 55 municípios brasileiros. Na época, eu morava em Brasília, e sempre olhávamos para São Paulo como um município de atuação muito importante, além de ser um enorme desafio: como vamos articular a rede em um município tão grande? Em 2015, o Conselho Nacional de Justiça fez uma recomendação a todos os Tribunais de Justiça do país quanto à adoção da audiência de custódia. O que é audiência de custódia? Já se falou aqui, algumas vezes, sobre o problema da população carcerária que enfrentamos no Brasil. Temos a terceira maior população carcerária do mundo, um terço ou um quarto disso por causa da lei de drogas¹. Essas pessoas são presas por conta da lei de drogas. Cerca de 40% desses presos não têm

condenação, são pessoas pegas em flagrante que acabam ficando detidas sem o devido direito à defesa e, algumas vezes, passam muito tempo presas aguardando o julgamento.

A audiência de custódia vem, então, como um dispositivo da Justiça para tentar superar esse problema. Além disso, se volta para a questão da tortura e da violência policial: segundo a regra da audiência de custódia, a pessoa, quando é presa em flagrante por um policial, tem que ser apresentada em até 24 horas diante de um juiz, para que ele determine a legalidade ou a ilegalidade daquela prisão. Vimos que essa seria uma boa oportunidade de construir a intersetorialidade, ou seja, a articulação da rede a partir dos casos. Nos demais municípios, sempre tivemos uma atuação a partir da gestão, para que a discussão da intersetorialidade chegasse aos serviços. Já em São Paulo fizemos o movimento inverso: começamos pelo usuário para depois subir para a rede e discutir com a gestão.

Esse projeto teve um ano e meio de duração e contamos com a participação de cinco articuladores e mais um advogado que nos apoiava. Desse cinco articuladores, quatro eram psicólogas. A ideia era que toda pessoa que fosse para a audiência de custódia por algum crime relacionado à lei de drogas fizesse um relato dos problemas relacionados ao uso de drogas, e quem tivesse cometido um pequeno delito em função do consumo passaria a ser acompanhado pelo Projeto Redes. Depois da audiência, dado o relaxamento da prisão ou a concessão da liberdade para a pessoa, esses articuladores teriam a função de escutar - uma escuta ativa, atenta - sobre quais eram as demandas dessa pessoa.


1 Conhecida como Lei de drogas, a lei nº 11.343, de 23 de agosto de 2006, institui o Sistema Nacional de Políticas Públicas sobre Drogas - Sisnad; prescreve medidas para prevenção do uso indevido, atenção e reinserção social de usuários e dependentes de drogas; estabelece normas para repressão à produção não autorizada e ao tráfico ilícito de drogas; define crimes e dá outras providências.

Nós nos deparamos com um perfil muito semelhante ao que a pesquisa da Fiocruz descortinou com relação ao usuário de crack em cenas de uso: uma grande maioria se declarando pretos e pardos, com baixíssima escolaridade, em situação de moradia precária. A função desses articuladores sempre foi estar atento para qual seria a primeira demanda, a fim de tentar levar o caso para os espaços de discussão, para os fóruns de Direitos Humanos, para os serviços, a partir daquilo que a pessoa trazia como necessidade e demanda. Foi um ano e meio de muitos desafios, constante diálogo com os operadores de direito para que eles pudessem compreender nossa atuação, por onde estávamos indo, muito diálogo com a equipe. Nossa equipe, além das reuniões, teve a oportunidade de fazer duas supervisões, uma mais focada nas questões clínicas e outra que ajudasse nas discussões da relação com as instituições. Os articuladores se dividiam pelas regiões do município.

“Nós nos deparamos com um perfil muito semelhante ao que a pesquisa da Fiocruz descortinou com relação ao usuário de crack em cenas de uso: uma grande maioria se declarando pretos e pardos, com baixíssima escolaridade, em situação de moradia precária”

O projeto terminou no ano passado. Ultimamente tem sido difícil falar dele, pois a condição da audiência de custódia mudou completamente: até o final do ano passado tínhamos uma média de 180 a 200 audiências de custódia, das quais uma média de 50% acabava recebendo relaxamento de prisão – quando o juiz entende que aquele flagrante foi malfeito, que a pessoa passou por algum tipo de tortura ou de violência ou que não existiu crime – ou concessão de liberdade – quando o juiz entende que a pessoa pode responder ao processo judicial em sua casa, colocando-se à disposição da Justiça.

Outro grande desafio foi o debate com os serviços de saúde e com os serviços da assistência sobre as obrigações que essas pessoas têm perante a Justiça. Eu brincava com a equipe que,

se não levássemos em conta as questões da relação dessas pessoas com a Justiça, elas iam cair na repescagem. Muitas das pessoas que acompanhamos não tinham o entendimento do que tinha acabado de acontecer: “Não, o juiz já me libertou, eu não tenho mais obrigação com a Justiça”. Então, tínhamos o trabalho de explicar a elas que ainda estavam com o processo na Justiça e que os serviços e profissionais que estavam acompanhando – aqueles nos quais a gente tentava inserir essas pessoas – teriam que apoiá-las na volta ao fórum para se apresentar à Justiça, para acompanhar o processo. 

“O projeto terminou no ano passado. Ultimamente tem sido difícil falar dele, pois a condição da audiência de custódia mudou completamente: até o final do ano passado tínhamos uma média de 180 a 200 audiências de custódia, das quais uma média de 50% acabava recebendo relaxamento de prisão – quando o juiz entende que aquele flagrante foi malfeito, que a pessoa passou por algum tipo de tortura ou de violência ou que não existiu crime – ou concessão de liberdade – quando o juiz entende que a pessoa pode responder ao processo judicial em sua casa, colocando-se à disposição da Justiça”

Psicanálise na Praça

Daniel da Silva Taranta

Psicólogo clínico desde 2010, com pós-graduação em Psicanálise e Psicoterapia Breve. Mestrando em Psicologia Social na USP. Membro do grupo de psicanálise na Praça Roosevelt. Militante ativo do movimento Parque Augusta e do Comitê de Usuários Praça Roosevelt de Todxs.

Eu estou aqui representando o grupo de psicanálise da Praça Roosevelt e vou contar um pouco da nossa história, de como esse grupo surgiu e se constituiu. A ideia de fazer uma clínica sem intermédio de dinheiro em um local acessível ao público não é nossa nem é nova. Freud já defendia isso de acordo com os moldes pertinentes à época, e, para não ficar entrando muito em detalhes históricos, vou contar nossa história a partir do momento atual.

No final de 2016, surgiu a iniciativa de uma clínica pública em uma casa na Vila Itooró. Posteriormente, a partir da existência de diferentes propostas, o grupo se dividiu: parte continuou na Vila Itooró e outra criou outro grupo na Casa do Povo. Esse foi o grupo que nos inspirou e nos incentivou a fazer o grupo da Praça Roosevelt. Contando conosco, existem outros dois grupos que fazem atendimentos psicanalíticos abertos ao público na Vila Itooró e na Casa do Povo, e agora, depois que começamos, novos grupos estão surgindo em outros lugares. Tem um grupo da psicanálise na rua em Brasília, um em Porto Alegre, um grupo começando na Bahia.

A escolha da Praça Roosevelt, especificamente, se justifica porque, atualmente, é um campo de atenção política muito forte entre frequentadores e entre diversos grupos de moradores. Entre 2016 e 2017, ameaçaram cercar a praça e colocar horário de funcionamento a partir de uma iniciativa bastante conservadora e fascista de um grupo de moradores, que dizia abertamente não gostar do pessoal da periferia que vai lá e frequenta a praça. Em uma reportagem, já chegaram a dizer que “esse pessoal naturalmente mal-educado vem pra cá e não tem dinheiro para voltar pra casa, precisa ficar a madrugada toda esperando o transporte público”.

Existe um movimento de gentrificação bastante fascista – essa história já tem um tempo, desde 2013 mais ou menos, e nos últimos anos ficou mais forte. Já houve perseguições a alguns grupos de skatistas há algum tempo, com perseguições bem brutais da Polícia Militar, que tem uma base ali na praça. A intenção é, predominantemente, fazer a população periférica ser expulsa dali com o intuito de transformar a Praça Roosevelt em um jardimzinho de convívio só para quem mora no entorno. Entendemos, portanto, que se tratava de um território onde seria interessante fomentar atividades naquele momento em que as atividades estavam sendo expulsas de lá. No carnaval de 2016 ou 2017 – não me lembro direito –, baixou uma portaria¹ que proibia a dispersão de blocos de carnaval e eventos na praça. Isso foi feito para o carnaval e continua até hoje, então não pode haver nenhum evento cultural na praça. Por isso, começamos a realizar atividades na praça como um movimento de resistência política à tentativa de tirar tudo o que acontece ou acontecia lá, que eram os eventos e encontros.

Todo sábado, a partir das 11 horas da manhã, levamos algumas cadeiras de praia dobráveis e fazemos atendimentos a quem se interessar, a quem aparecer por lá, sem custo. Somos um grupo de cerca de 15 psicanalistas. As pessoas vão chegando e colocando o nome em uma lista. Nós vamos fazendo o atendimento, que ocorre por ordem de chegada, de acordo com o psicanalista que estiver disponível para atender. Essa questão da

1 A portaria nº 017-PR-SÉ/GAB/2017, de 07 de fevereiro de 2017, vedou a realização de eventos, bem como, concentração e/ou dispersão de blocos carnavalescos na Praça Franklin Roosevelt e no Elevado João Goulart (Minhocão).

rotatividade, que surgiu na Casa do Povo – quando se diferenciou da Vila Itororó –, é uma característica que nós praticamos lá na praça. Mas entendemos que não seria, necessariamente, o mais proveitoso em todas as situações, então existe também a possibilidade de não haver rotação se for pertinente, se a rotatividade não estiver sendo proveitosa para cada caso específico.

Fora isso, nos encontramos semanalmente, em horário fora dos atendimentos, para conversar, discutir, estudar e é isso que permite que atendamos aos sábados. Essa atividade de estudo, de debate, de conversa, que nos permite existir como um grupo de psicanalistas que atende lá aos sábados. Somos um grupo bastante homogêneo em termos teóricos: todos são psicanalistas, mas dentro da psicanálise nós temos uma pluralidade de teorias e as conversas fluem de um jeito muito interessante, bastante construtivo. Essa pluralidade de vertentes teóricas tem acrescentado bastante às discussões em geral – afinal de contas, são linhas da psicanálise, todas têm algo em comum, um cerne que as mantém.


“É sair desse lugar de que existe uma forma correta de se fazer psicanálise, entender quais são as diversas possibilidades e como podemos levar aquilo como um grupo para os atendimentos, sem precisarmos escolher um modelo melhor do que o outro, mas buscando um entendimento que possa abranger a particularidade do atendimento em si, que é o nosso objetivo final: fazer um atendimento ético de qualidade a quem tiver interesse de ir lá buscar”

Uma característica muito forte desse grupo é a preocupação de estar aberto a propostas diferentes, a entendimentos outros de como são nossas propostas, de como elas acontecem de maneira bastante horizontal, escutando todo mundo que está lá quando tem alguma discordância, em vez de tentarmos determinar a melhor ou a mais correta. É sair desse lugar de que existe uma forma correta de se fazer psicanálise, entender quais são as di-

“Eu acho que é exatamente isso: buscar maneiras de levar um atendimento aberto a quem tiver interesse, fora de uma lógica capitalista na qual o dinheiro é a moeda de troca, em que você tem ganho e perda de dinheiro ou de tempo, e de uma forma aberta em uma sociedade, especificamente em um território, onde a lógica que estava operando era bastante oposta a isso”

versas possibilidades e como podemos levar aquilo como um grupo para os atendimentos, sem precisarmos escolher um modelo melhor do que o outro, mas buscando um entendimento que possa abranger a particularidade do atendimento em si, que é o nosso objetivo final: fazer um atendimento ético de qualidade a quem tiver interesse de ir lá buscar.

Temos tido resultados muito interessantes, bastante proveitosos. As discussões, não só as discussões internas, mas também outras trocas que temos feito com grupos diferentes em outros locais, têm nos mostrado que esse caminho de pensar uma atuação da psicanálise fora da lógica do dinheiro, sem custo, fora da lógica capitalista, é algo muito proveitoso, principalmente se feito com foco no objetivo em si, e não com o foco em querer ter um nome, em querer reivindicar quem inventou uma coisa, porque não estamos inventando nada disso, quem inventou foi Freud, está muito bem escrito nos livros dele.

Eu acho que é exatamente isso: buscar maneiras de levar um atendimento aberto a quem tiver interesse, fora de uma lógica capitalista na qual o dinheiro é a moeda de troca, em que você tem ganho e perda de dinheiro ou de tempo, e de uma forma aberta em uma sociedade, especificamente em um território, onde a lógica que estava operando era bastante oposta a isso. Muito mais interessante do que eu dar o relato é conversarmos a respeito, porque, como eu disse, não temos a pretensão de ter algo pronto, lindo, maravilhoso. Não; a ideia é ir construindo, e a melhor maneira de construir é na base da troca. Por isso, se alguém tiver interesse, depois podemos continuar falando a respeito. 

A Psicologia e a educação antirracista

Cátia Cristina Cipriano

Graduada em Psicologia pela Universidade São Francisco – USF. Pós-Graduação na UFABC – Universidade Federal de Santo André. Especialista em Direitos Humanos, Diversidade e Violência. Trabalha no NPJ – Núcleo de Proteção Jurídica e Apoio Psicológico – do Creas Mooca (Centro de Referência Especializada da Assistência Social). Atua no Movimento Negro Uneafro desde sua fundação e participa da Rede de Proteção contra o Genocídio Região Norte.

Eu quero apresentar a Uneafro, a qual estou representando. Falar da minha história, da Uneafro e do racismo é uma coisa só – não consigo separar minha história de toda essa questão estrutural. Ela está aí, como a de tantas mulheres – eu me emociono todas as vezes, porque não é fácil; isso mobiliza muitas emoções. Eu entrei na Uneafro em 2009 e fomos juntos para a rua. Construí um movimento novo, mas já estava na universidade, estava construindo minha história diferente. Hoje eu estou em uma universidade pública, é um sonho. Trabalhamos todos os dias com essa dificuldade, e é muito sentimento, muita alegria, muita gratidão, porque transformamos o racismo estrutural que herdamos e hoje esse racismo tem nome.

Quando eu entrei na universidade como bolsista integral, não sabia que tinha sofrido racismo a vida inteira. Eu não sabia que não tinha tido condições ou oportunidades até conhecer o movimento negro. E hoje estou fazendo minha pesquisa e vou falar sobre o sofrimento que o racismo gera. É um sonho, também, defender moralmente nosso movimento, nossas lutas e mostrar para a sociedade nosso potencial, nosso lugar de fala, nosso lugar de luta. E eu estou com esse movimento desde o princípio.

Então, quem somos? A Uneafro é um grupo fundado em 5 de março de 2009 como Núcleo de Educação Popular para Negros e Classe Trabalhadora. É um movimento social que atua em São Paulo, no Rio de Janeiro, na Bahia, no Espírito Santo e no Paraná. Formamos militantes, na maioria jovens negros e negras, moradores das periferias e educadores populares. Surgiu em um contexto de lutas sociais urbanas pela democratização do acesso à educação superior por ações afirmati-

“Atualmente, nos organizamos em 25 núcleos espalhados por 15 cidades. Nós temos vários eixos de atuação: o combate ao racismo e ao preconceito é uma das vertentes, assim como a valorização da cultura negra e das ações afirmativas; a melhoria de qualidade da escola pública; o combate à violência urbana; o protagonismo juvenil, que é uma das coisas que mais estimulamos, despertando a autoestima, o senso crítico e o surgimento de novas lideranças políticas entre estudantes pobres e negros; e o convívio com a diversidade de gênero”

vas, combate à violência policial e redução das vulnerabilidades sociais juvenis, marcadas por raça, classe e gênero.

Nosso principal trabalho é a rede de cursos pré-vestibulares comunitários para jovens que sonham ingressar no ensino superior e preparar-se para o Enem ou para os concursos públicos. Atualmente, nos organizamos em 25 núcleos espalhados por 15 cidades. Nós temos vários eixos de atuação: o combate ao racismo e

ao preconceito é uma das vertentes, assim como a valorização da cultura negra e das ações afirmativas; a melhoria de qualidade da escola pública; o combate à violência urbana; o protagonismo juvenil, que é uma das coisas que mais estimulamos, despertando a autoestima, o senso crítico e o surgimento de novas lideranças políticas entre estudantes pobres e negros; e o convívio com a diversidade de gênero.

“Essa é uma das nossas maiores lutas: por meio da educação, instrumentalizar nosso povo preto e periférico; por meio da educação, fazer uma transformação e dar oportunidades para que elas possam crescer individualmente. Além disso, defendemos a democratização do uso de equipamentos políticos”

E o que nós prezamos? Uma construção coletiva! Do mesmo jeito que estou aqui falando da minha história, nós falamos do indivíduo para o coletivo e como coletivo nós atuamos. Então, nós trabalhamos nessas vertentes com os núcleos e, também, cada um na atuação individual em seu bairro. Esses núcleos atuam a partir da compreensão de que a educação se caracteriza como instrumento contra as desigualdades. Essa é uma das nossas maiores lutas: por meio da educação, instrumentalizar nosso povo preto e periférico; por meio da educação, fazer uma transformação e dar oportunidades para que elas possam crescer individualmente. Além disso, defendemos a democratização do uso de equipamentos políticos.

E onde esses núcleos estão atuando? Dentro dos equipamentos de educação, muitas vezes, temos uma grande diversidade de espaços para isso. Estamos atuando em diversas regiões do país. Somos 108 militantes orgânicos, 200 professores voluntários, 1.300 jovens e adultos atendidos anualmente e 5.200 beneficiários indiretos. Em cada início de ano letivo, realizamos a aula inaugural com os alunos de todos os cursinhos da Uneafro, além do trabalho de formação pedagógica voltado para a preparação para os vestibulares.

O encontro aborda temas relacionados aos Direitos Humanos e ao enfrentamento do racismo e do machismo.

Por fim, temos os resultados, que são os nossos formados. Tem gente em Cuba fazendo medicina; temos vários representantes dentro das universidades federais. E é isso: a Uneafro lutando, crescendo e construindo. Essa luta representa muito para a nossa classe, para o nosso povo. Ela é muito significativa na minha própria história – eu estou no Núcleo de Proteção Jurídica atualmente, trabalho dentro de um Creas construindo esse conhecimento dentro da universidade pública, que era um sonho não só meu, mas de todas nós. 📢

A Psicologia na construção do Movimento Sem Terra

Janaína Ribeiro de Rezende

Psicóloga. Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Doutoranda em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo). Atualmente, faz parte do Coletivo Nacional de Educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST

Vou começar com uma poesia:

É sempre tempo de amor, mesmo com toda a dor, indiferença e egoísmo. Mesmo com todo o ódio inflamado. Mesmo que clamem por sangue e que a violência seja a palavra de ordem de alguns. É sempre tempo de amor, ainda que os medos sejam constantes, ainda que a utopia pareça distante, ainda que venham as contradições e mesmo nas nossas fileiras convivamos com a dor. É sempre tempo de amor, apesar das feridas e de todo esse sangue, apesar das nossas veias abertas, apesar dos nossos continuarem tombando e a vida pareça frágil. É sempre tempo de amor, mesmo quando tudo parece cansaço, mesmo quando as derrotas batem à porta, mesmo quando a desesperança assombra e quer fazer ninho no coração. É sempre tempo de amor, porque se nossos pés estão cansados, muito mais firme é a nossa convicção, nossa lealdade e esse amor que nos faz continuar a caminho. Pois se entre lágrimas enterramos nossos mortos, a história não nos deixa esquecer e não se deixará repetir, e assim eles se fazem sementes que brotam no caminho as flores de uma nova estação. Se fazem presentes em sorrisos e luta. É sempre tempo de amor, porque o afeto, o carinho, a ternura não nos faltam e o caminho é também cheio de flores e amores, porque a certeza da vitória não nos falta e a esperança nunca se apaga em nosso peito. Porque não nos falta coragem de seguir construindo um mundo novo, com mulheres e homens novos. É sempre tempo de amor, porque a ousadia e a coragem não se enterram. Podem invadir ou depredar lugares, podem nos bater, nos perseguir, nos ameaçar. Não podem nos impedir de amar! A despeito de todo ódio, seguimos fir-

“Partimos da compreensão de que não existem ciência nem atuação profissional neutras. Toda teoria e toda prática estão vinculadas a uma tomada de partido, entendendo ‘partido’ como uma coisa ampla, como um posicionamento político. Por causa disso, compreendemos que toda teoria e toda ação dependem de um posicionamento político. Segundo Paulo Freire, temos duas opções: ou assumimos um partido para manter as coisas do jeito que estão – no sentido de uma postura conservadora, de conservar a realidade e a sociedade com as injustiças, com a desigualdade – ou assumimos uma postura de transformação dessa realidade”

mes! A despeito de todo ódio, o amor resiste! É sempre tempo de amor porque nada pode deter a primavera e o povo! Porque nada pode deter a primavera do povo! Venceremos!

Agora, gostaria de me apresentar. Meu nome é Janaína, sou formada em Psicologia, estou fazendo doutorado e sou militante do Movimento Sem Terra (MST). Atualmente, tenho contribuído no Coletivo Nacional de Educação. Partimos da compreensão de que não existem ciência nem atuação profissional neutras. Toda teoria e toda prática estão vinculadas a uma tomada de partido, entendendo “partido” como uma coisa ampla, como um posicionamento político. Por causa disso, compreendemos que toda teoria e toda ação dependem de um posicionamento político. Segundo Paulo Freire, temos duas opções: ou assumimos um partido para manter as coisas do jeito que estão – no sentido de uma postura conservadora, de conservar a realidade e a sociedade com as injustiças, com a desigualdade – ou assumimos uma postura de transformação dessa realidade.


Assim, nossa compreensão da atuação da Psicologia e da atuação que temos que assumir frente a isso é em uma perspectiva de transformação e de luta pela construção de uma sociedade mais igual, mais justa, mais democrática. A experiência que vou relatar aqui é a da construção do primeiro Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha. Desde o início da luta do MST, das primeiras ocupações de terra, as crianças sempre estiveram presentes no movimento, e não é por opção, mas por uma necessidade concreta. As famílias que optam por participar de uma luta social, por ocupar uma terra e por acreditar no sonho de uma realidade mais justa, em busca de condições de sobrevivência, não têm opção e, portanto, não têm onde deixar os filhos. As crianças acompanham os pais e as mães nesse processo de luta. E, por causa disso, as crianças sempre estiveram presentes na história do MST. E, devido a essa necessidade, o MST vem desenvolvendo formas de acolher a participação dessas crianças dentro do movimento.

Desde a década de 1990, foram sendo desenvolvidas ações na perspectiva de construir espaços para que essas crianças sejam acolhidas, trabalhando a identidade sem terrinha para que entendam por que elas estão nessa luta, porque estão nesses processos. Durante pelo menos dois anos, construímos o I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha, realizado em julho de 2018. Já havíamos realizado muitas atividades com as crianças, até mesmo atividades de grande porte, mas essa foi a primeira vez que reunimos crianças do Brasil inteiro para trabalhar

“Desde a década de 1990, foram sendo desenvolvidas ações na perspectiva de construir espaços para que essas crianças sejam acolhidas, trabalhando a identidade sem terrinha para que entendam por que elas estão nessa luta, porque estão nesses processos. Durante pelo menos dois anos, construímos o I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha, realizado em julho de 2018”

temas como, por exemplo, os direitos das crianças e dos adolescentes. Só para contextualizar, reunimos mais de mil crianças em Brasília durante quatro dias, de 22 a 26 de julho, com o lema “Sem terrinha em movimento: brincar, sorrir, lutar por reforma agrária popular”¹.

Discutimos por muito tempo a realização de encontros como esse nos assentamentos, nos acampamentos do MST. A ideia é que o I Encontro Sem Terrinha não se resume aos dias em que aconteceu, pois demandou uma preparação muito grande. A ideia é que, a partir dele, as crianças sigam se organizando, garantindo espaços de participação e de mobilização dentro dos acampamentos e dos assentamentos do MST.

Estávamos com uma grande expectativa em relação ao encontro, mas confesso que ela foi superada. Fomos surpreendidos todos os dias, principalmente pela capacidade que as crianças têm de nos ensinar. Muitas vezes, tendemos a subestimar a capacidade de compreensão e de elaboração das crianças sobre o que está acontecendo na realidade, mas, nesse caso, são crianças muito atentas, que têm um entendimento de realidade muito presente. O I Encontro Sem Terrinha não se encerrou lá em Brasília. Vamos continuar mobilizando crianças no Brasil inteiro em torno, principalmente, da luta pelos direitos das crianças do campo de estudar, de frequentar escolas próximo de onde elas moram e, também, da defesa dos direitos de todas as crianças do Brasil e do mundo. 

1 Sem terrinha em movimento: brincar, sorrir e lutar! Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pm2cgAEgVA0>>.

A Psicologia e a desumanização dos corpos

Carú de Paula

Poeta e psicólogo clínico. Agente de redução de danos pelo Projeto PRD – Sampa da Secretaria Municipal de Saúde

Eu queria fazer uma pergunta para vocês: Vocês estão familiarizados com o termo *cis*, de *cisgeneridade*? Se a resposta for sim, isso quer dizer que vocês estão familiarizados com quem são, porque, afinal, é o que vocês são. E eu queria começar minha fala a partir disso.

Não quero falar a partir do lugar de ser o único corpo trans neste espaço, mas do lugar de vocês, que são uma maioria cis aqui e na sociedade. E, diferentemente do que muitos trouxeram aqui na mesa, eu não tenho uma coisa boa para contar sobre minha atuação.

Eu tenho 24 anos, me formei na faculdade tem uns dois anos, me assumi no ano passado, embora já tenha vindo de uma lógica de militância estudantil e de não estar muito enquadrado na lógica posta. Há alguns meses, me reuni com outras psicólogas e psicólogos trans para pensar em um mapeamento de quem são as/os psicólogas/os trans e travestis no Brasil, porque eles existem. E isso é interessante porque, quando eu me assumi, estava começando minha vida profissional e, na clínica, entrei em uma crise do tipo: “Como que o corpo adoecido cuida? Será que o CRP vai dizer alguma coisa quando um corpo trans atender outra pessoa?”. E não tem nada escrito sobre isso, não tem nada posto.


É muito doido, porque eu tenho pelo menos dois Cids (Código Internacional de Doenças) e sou agente de saúde, sou agente de prevenção, trabalho com redução de danos na Cracolândia, entre outras coisas. E o meu corpo, socialmente falando, é dado como um corpo doente; eu sou psicólogo, atendo na clínica, cuido, sou capaz de cuidar tanto quanto todos os corpos aqui presen-

tes. O corpo trans, assim como o corpo negro na nossa sociedade, é desumanizado. É como se nós não tivéssemos capacidade de agir no mundo e afetá-lo, de mudar esse mundo. Eu vou recitar uma poesia para vocês – não sei se eu conheço ela toda de cor, eu tentei decorar, mas ela me deixa um pouco nervoso:

Acontece que o meu corpo aconteceu. Eu sei que pra vocês a nossa dor é como uma dor de cabeça e eu deixo de achar que o meu corpo é meu. Eu sei que pra vocês o meu corpo se desfaz na dor, que eu sou a disforia, que eu sou o ódio que o normal não sente, que eu sou um cis com defeito, um cis que precisa ser feito. Eu sei que pra vocês o meu corpo é personificação da loucura, do louco de ordem, o louco de nexo, aquele que mesmo que nu vocês querem saber piupiu ou periquita? Mas deixa eu contar, o meu corpo se desfaz sobre uma ordem que não cabe nas palavras, sente no corpo e fora que é de outrem que é teu também, que é meu porque sim e o não é sem fim, um fundamento nessa ordem onde o meu corpo é denúncia de um algo que vocês não fazem nem ideia, assim como não faço das inúmeras denúncias que muitos de vocês também são. Eu sou essa fissura largada, arregaçada como o desejo que rompe porque poder ser é como gozar numa constância que não se mensura, são aqueles segundos em que não sabemos se o que queremos são a sequência daqueles movimentos que te lembram que o seu corpo é 70% água e os outros 30% desejo, e ainda nesses curtos momentos vocês sabem que é pouca água para tudo que sai por vocês, pelas bocas e eu não disse quais, pelos poros e por onde mais for possível sair. É que no fim é como se ser desidratasse.

Eu quero contextualizar essa poesia para vocês. Quando falo que não sou um homem – porque, provavelmente, na cabeça de vocês, quando eu disse que era trans, passou algo assim: “Pô, nasceu mulher, então se é trans, é homem”. Não, não. Eu sou um corpo trans que reivindica que a cisgeneridade é algo estrutural na nossa sociedade. Para mim, ser transexual, transgênero, é transgredir essa estruturação. Na verdade, eu não estou aqui representando toda a classe da população trans – longe de mim, isso é impossível. Não tenho condição de fazer isso, primeiro porque não tenho mapeado quem são as/os psicólogas/os trans; segundo porque estar aqui é o ápice do privilégio para um corpo trans. Os corpos trans não estão aqui; os corpos trans estão morrendo como Dandara, que foi assassinada em Fortaleza, levou um tiro. Ela morreu assassinada como tantas outras.

Sabem qual é a expectativa de vida para um corpo trans? 35 anos. É muito pouco, e eu sei que posso viver mais do que isso, porque sei qual é minha condição nesse sistema em que vivemos. Agora, a travesti preta que morre, a travesti indígena que sai lá do Norte ou do Nordeste para vir para cá e, ainda sim, é assassinada aqui, esses corpos não estão aqui. Vocês não estão cuidando desses corpos, nem eu, porque são poucos os que chegam até aqui. A transgeneridade muda paradigmaticamente a condição da Psicologia, muda nossa concepção de ética, muda nossa concepção de corpo, coloca abaixo muitas práticas teóricas que abraçamos, as quais dizemos que não vamos largar por nada e que nos ajudam a garantir um quadro de saúde. E eu digo a vocês: as teorias que vocês têm até hoje, aquelas de que a Psicologia se assegurou para dizer que garante um pouquinho de saúde mental, não dão conta dos nossos corpos.

Eu queria sair daqui, na verdade, deixando uma reflexão para vocês a respeito de quem vocês são, corpos cis. Se vocês são cis, se vocês sabem o que significa ser cis e, como profissionais de Psicologia, se vocês, a partir disso, conseguem reconhecer que a prática da nossa profissão precisa mudar com a estrutura social. 

“Sabem qual é a expectativa de vida para um corpo trans? 35 anos. É muito pouco, e eu sei que posso viver mais do que isso, porque sei qual é minha condição nesse sistema em que vivemos. Agora, a travesti preta que morre, a travesti indígena que sai lá do Norte ou do Nordeste para vir para cá e, ainda assim, é assassinada aqui, esses corpos não estão aqui. Vocês não estão cuidando desses corpos, nem eu, porque são poucos os que chegam até aqui. A transgeneridade muda paradigmaticamente a condição da Psicologia, muda nossa concepção de ética, muda nossa concepção de corpo, coloca abaixo muitas práticas teóricas que abraçamos, as quais dizemos que não vamos largar por nada e que nos ajudam a garantir um quadro de saúde. E eu digo a vocês: as teorias que vocês têm até hoje, aquelas de que a Psicologia se assegurou para dizer que garante um pouquinho de saúde mental, não dão conta dos nossos corpos”

Nossa Luta Cria

Beatriz Brambilla

Conselheira do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo – CRP SP


A partir das falas das/os convidadas/os, podemos perceber o quanto nossas histórias vão se encontrando com as histórias da profissão. Também fomos dizendo que nossa luta cria quando a gente se escuta, quando a gente produz, quando a gente consegue trazer nossos afetos de maneira geral para um campo político. Acho que vocês vão trazendo as práticas, que são práticas de ousadia, de coragem, de proximidade, de intimidade, de subversão do que está posto nos mais diversos espaços. Seja no espaço da educação, seja no espaço da clínica, seja no espaço institucional, nas relações com a Justiça, nos movimentos populares.

Acho que a Vladia, ao falar um pouco sobre o Martín-Baró, nos faz refletir não só sobre o que nos tornamos e sobre que Psicologia é essa que somos, mas sobre a Psicologia que poderíamos ter sido, a Psicologia que poderíamos ter produzido. E hoje estivemos aqui com psicólogas, com outros profissionais, com a comunidade, com o povo, pensando em possibilidades, em movimentos, em contradições nas quais não necessariamente avançamos – acho que Carú traz essa perspectiva ao falar da população trans, ou quando falamos da questão da população surda também e de outras formas de sofrimento para as quais ainda nem olhamos –, entendendo que estamos nos afirmando nesse momento, e por essas histórias, que também são as histórias de todas nós, psicólogas e estudantes de Psicologia, que é possível construir novos horizontes para uma práxis em Psicologia.

Entendo que vamos, como instrumentos, desvelando as ideologias que ocultam as desigualdades. A desigualdade do capacitismo, a desigualdade da cisgeneridade, a desigualdade da terra, a desigualdade de quem pode ou não sofrer, a questão racial, como o sistema de justiça criminal opera na nossa realidade, a questão das mulheres, da educação. São muitas pautas, e quando vocês, colegas, compartilham suas experiências, vamos

evocando a emergência de um rigor ético, de referências técnicas, até mesmo porque o tempo inteiro estamos falando de postura, mas também do que embasa esse nosso fazer.

E vocês contam como temos difundido a Psicologia, o que suscita um debate sobre o acesso, sobre quem acessa a Psicologia, quem tem acesso ao serviço psicológico. Estamos dizendo que ainda é uma luta dar acesso à Psicologia, fazer a população acessar esse tipo de serviço, toda a população a partir de sua singularidade, de suas particularidades, fazendo a defesa intransigente do cuidado em liberdade, da liberdade das pessoas, defendendo, promovendo, protegendo, garantindo direitos, superando as fragmentações e dicotomias e lembrando que as histórias e as vidas nos interessam.

Temos a Bárbara Quirino¹ presa e fizemos uma grande campanha pela libertação do Rafael Braga² e de outros presos políticos que estão encarcerados indevidamente nesse momento histórico. Que possamos, então, superar essa lógica da seletividade penal e pensar em uma Psicologia que compreenda um horizonte emancipatório, pensando emancipação política ao menos como horizonte, entendendo que não há como produzirmos Psicologia sem considerar que vivemos em uma sociedade de classes capacitista, racista, machista, heteronormativa, cisnormativa e sem levar em conta, afinal, o que é fazer Psicologia nos tempos de hoje. Por isso evocamos o que significa falar sobre o que nossa luta cria nos dias de hoje, mesmo com as dificuldades, com os retrocessos, entendendo que nossa presença como instrumentos de mediação e como instrumentos políticos pode ser produtora de potência. 

- 1 Jovem modelo e bailarina negra que foi acusada injustamente de fazer parte de dois assaltos à mão armada em 2017.
- 2 Catador de materiais recicláveis condenado injustamente durante os protestos que ocorreram no Brasil em 2013.



Realização:



Conselho
Regional de
PSICOLOGIA SP